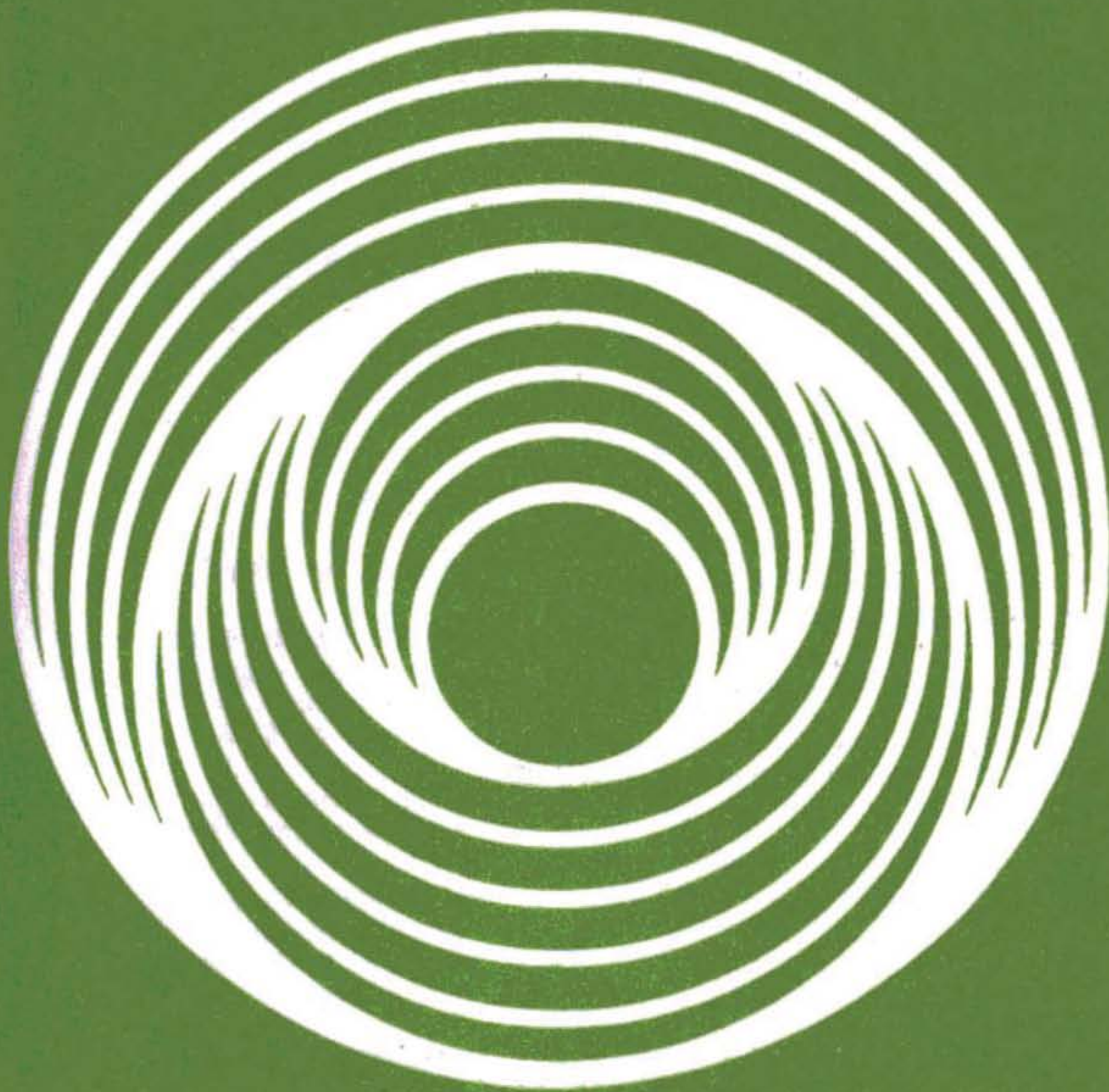


convergência

MAR — 1975 — ANO VIII — Nº 79



- **EVANGELIZAÇÃO E VIDA RELIGIOSA**, página 71
Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ
Presidente Nacional da CRB
- **AS RELIGIOSAS E A EVANGELIZAÇÃO**, página 87
Irmã Mary Linscott
- **AS RELIGIOSAS E A HUMANIZAÇÃO**, página 105
Irmã Francis Borgia Rothluebber
- **A PRESENÇA DAS RELIGIOSAS NO MUNDO**, página 110
Irmã Bénédicte Ramsing

CONVERGÊNCIA,
revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil

Diretor-Responsável:
Frei Constâncio Nogara

Redator-Responsável:
Padre Marcos de Lima

Direção, Redação, Administração:
Rua Dom Gerardo, 40 — 6.º andar
(ZC-05) — 20 000 — RIO DE JA-
NEIRO — GB

Assinaturas para 1975:

Brasil, taxa única (via
terrestre ou aérea .. Cr\$ 75,00
Exterior, remessa marí-
tima US\$ 17,00
Avulso Cr\$ 7,50

Os artigos assinados são da res-
ponsabilidade pessoal de seus au-
tores.

Composição: Compositora Helvé-
tica Ltda., rua Correia Vasquez, 25
Rio de Janeiro - GB.

Impressão: Oficinas Gráficas da
Editora VOZES Ltda., rua Frei Luís,
100 — 25600 — Petrópolis. RJ.



SUMÁRIO

EDITORIAL	65
INFORME DA CRB	67
EVANGELIZAÇÃO E VIDA RELI- GIOSA, Pe. Marcello de Car- valho Azevedo, SJ, Presidente Nacional da CRB	71
AS RELIGIOSAS E A EVANGE- LIZAÇÃO, Irmã Mary Linscott	87
AS RELIGIOSAS E A HUMANI- ZAÇÃO SEGUNDO O EVAN- GELHO, Irmã Francis Borgia Rothluebber	105
A PRESENÇA DAS RELIGIOSAS NO MUNDO SEGUNDO AS BEM-AVENTURANÇAS, Irmã Bénédicte Ramsing	110
A CRB NA XIV ASSEMBLÉIA GERAL DA CNBB	123
LIVROS NOVOS	126



EDITORIAL

Evangelização foi tema do Sínodo de 74 e será tema de reflexão para toda a Igreja, no correr deste ano.

É também o tema de nossa Revista. Neste ano consagrado à promoção da Mulher é uma alegria e uma esperança ver a atitude positiva e pioneira das Religiosas, na definição de sua missão no mundo, ao serviço dos homens.

Existem mais de um milhão de religiosas. Ora, não é necessária grande imaginação para aquilatarmos a força apostólica que um tal grupo representa, numa hora em que há uma conclamação universal da Igreja para a Evangelização.

Elas surgem como grande esperança, face ao incontido decréscimo dos sacerdotes, que tradicionalmente eram

missionários. Mesmo que o Sínodo se tenha voltado para as religiosas vendo nelas mais instrumentos de evangelização do que propriamente pessoas consagradas que, pela sua vida anunciam a salvação do Senhor, nem por isso o apelo é menos válido e a resposta delas menos generosa.

No conjunto, podemos notar mais esforço e profundidade de busca do significado da vida consagrada entre as religiosas do que entre os religiosos. Estes, com seu maior preparo intelectual, não raro se contentam com racionalizações e pesquisas, compensações e fugas no ministério sacerdotal. Elas, pelo fato de não serem investidas de nenhuma função clerical, sentem mais a necessidade de buscar e viver

a radicalidade da vida consagrada. Na prática, as religiosas estão sendo mais ousadas, mais autênticas, mais generosas na busca do lugar da vida religiosa radicalmente evangélica dentro da Igreja, que as comunidades masculinas.

Creio que a partir desta atitude podemos compreender melhor porque o tema Evangelização, Missão, Envio falou tanto às religiosas. Elas souberam ler os sinais dos tempos, responder aos apelos do Papa, dos Bispos. Captaram com maior precisão sua corresponsabilidade, sua dignidade, sua liberdade ao lado do homem.

Valorizando-se, sentiram-se valorizadas. Não podemos senão nos alegrar com os frutos e com a esperança de novos e mais belos resultados que o espírito apostólico e missionário das religiosas pode trazer para a Igreja.

As religiosas missionárias, e são todas, dedicamos este número de **CONVERGÊNCIA**. É um conjunto de quatro conferências originais pronunciadas na Assembléia Anual da UISG, em Roma.

A primeira é do **Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ**, Presidente da CRB. Busca o cerne apostólico do que significa Evangelização na vida da pessoa consagrada.

“Em termos rigorosos de **VIDA RELIGIOSA**, qual é, própria e estritamente, a sua característica singular e indispensável na Evangelização: é a **VIDA**, é o **SER** religioso, é o **TESTEMUNHO** radical da vida evangélica.”

Um trabalho apreciadíssimo pela clareza, profundidade e autoridade do autor.

Irmã Mary Linscott, Presidente da União Internacional das Superiores Gerais, faz uma notável análise da participação das religiosas na evangelização, trabalho que, na sua simplicidade e realismo, nos esclarece, nos questiona e nos enche de esperança.

Irmã Bénédicte Ramsing, Superiora Geral das Irmãs de São José de Chambéry, focaliza, em outra belíssima exposição, como as bem-aventuranças devem permear a vida evangelizadora da religiosa. Um último breve trabalho da **Irmã Francis Borgia Rothluebber** nos adverte sobre a força humanizadora ou desumanizadora que nós religiosos podemos exercer na sociedade moderna. Tenho certeza de que os leitores de **CONVERGÊNCIA** hão de apreciar os artigos aqui publicados, pois eles falam do coração de nossa vida religiosa.

Frei Constâncio Nogara, OFM

I N F O R M E

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

CENTRO TEOLÓGICO DE ESTUDOS E ESPIRITUALIDADE PARA A VIDA RELIGIOSA (CETESP/CRB)

I — N A T U R E Z A

1. O CENTRO TEOLÓGICO DE ESTUDOS E ESPIRITUALIDADE PARA A VIDA RELIGIOSA (CETESP/CRB) surgiu como resposta a um pedido expresso pela X Assembléia Geral da CRB, em julho de 1974. Nas Assembléias Regionais de 73 e 74 os religiosos manifestaram o mesmo desejo da Assembléia Geral.

2. As Famílias Religiosas ponderaram a necessidade de um CENTRO onde se pudesse estudar, rezar, informar-se, com mais tempo e tranqüilidade, por diversas razões:

- 2.1 — Os cursos breves de renovação, ministrados por toda a parte, foram bons, mas insuficientes, para um trabalho mais profundo.
- 2.2 — O envio de religiosos à Europa para cursos mais longos, além de representar um gasto elevado, nem sempre acessível às Congregações, raramente correspondem às necessidades concretas do Brasil.
- 2.3 — Nossa situação é bastante peculiar. A grande maioria dos 50.000 religiosos e religiosas, está profundamente empenhada na ação pastoral direta, dentro de uma realidade de país em desenvolvimento. É a partir desta realidade que nos preocupamos em viver o compromisso da consagração. Deveremos, portanto, nós mesmos, procurar os novos caminhos, para podermos prestar um melhor serviço à Igreja.
- 2.4 — Apesar das limitações, já dispomos entre nós de um bom grupo de teólogos e de especialistas em matérias afins, capazes de assessorar validamente os religiosos e as religiosas na busca de novos caminhos.
- 2.5 — Realizando-se o curso entre nós, haverá possibilidade de participação para um maior número.

II — FINALIDADE

1. O CENTRO visa proporcionar subsídios e promover a reflexão, em bases escriturísticas e teológicas, pondo em relevo o aspecto de comunhão eclesial, ajudando os religiosos a viverem profundamente conscientes o carisma de que são portadores, inseridos na respectiva Igreja particular, dentro de nossa realidade de país em desenvolvimento.
2. Não se trata apenas de um curso de informação e de reflexão. O CENTRO quer valorizar a rica e original experiência de vida religiosa de cada participante. Por isso, além das exposições dos professores, haverá seminários, pesquisas pessoais, elaboração de um trabalho, além de intercâmbios de experiências e avaliações periódicas.
3. O curso funcionará de segunda à sexta-feira, das 8,00 às 12,00 horas. Eventualmente das 13,00 às 15,30 horas. Sábados e domingos são livres.
4. Terá duração de três meses, isto é, de 6 de agosto a 6 de novembro.
5. O CENTRO funcionará no Colégio Divina Providência, Rua Lopes Quintas, 274 — Bairro Jardim Botânico — 20.000 RIO DE JANEIRO, Guanabara. Há ônibus para todos os bairros da cidade.
6. O número de participantes será limitado a 50.

III — CONDIÇÕES PARA ADMISSÃO

1. Seja religioso ou religiosa com, ao menos, primeiro e segundo graus completos. Seria desejável que tivesse algum curso superior.
2. Seja coordenador ou coordenadora de comunidade local ou provincial.
3. Ou seja responsável pela formação ou esteja se preparando para esta função.
4. Seja pessoa afetivamente madura e firme em sua vocação.
5. Outros religiosos ou religiosas que não preencham os itens 2 e 3, e desejem freqüentar o curso, podem ser examinados de caso para caso.
6. A taxa mensal será de Cr\$ 200,00 (duzentos cruzeiros), paga globalmente, portanto: Cr\$ 600,00 (seiscentos cruzeiros) no início do curso.
7. Hospedagens, alimentação, viagens e outros gastos correm por conta do(a) participante.

IV — DIREÇÃO DO CENTRO

1. A responsabilidade pelo CENTRO, seja pela orientação, seja pela contratação de professores, cabe à Diretoria Nacional da Conferência dos Religiosos do Brasil.
2. O responsável imediato como Diretor do CENTRO será Frei Cons-tância Nogara, OFM.
3. A assessoria para as diversas matérias será dada por um grupo de pro-fessores e de teólogos entre os mais representativos.

V — PROGRAMA

1. Matérias:

- 1.1 — Realidade sócio-cultural brasileira.
- 1.2 — Presença e atuação da Igreja em nossa História.
- 1.3 — A atuação dos religiosos em nossa história brasileira.
- 1.4 — Formas de vida religiosa através da história.
- 1.5 — Fundamento bíblico da vida religiosa.
- 1.6 — Análise teológica do atual projeto de vida religiosa.
- 1.7 — Ecclesiologia e vida religiosa.
- 1.8 — Diferentes espiritualidades na vida religiosa.
- 1.9 — Psicologia geral aplicada à vida religiosa.

2. Seminários:

- 2.1 — Análise de experiências no campo da renovação da vida reli-giosa no Brasil.
- 2.2 — Os religiosos na pastoral.

3. Trabalho escrito:

Cada participante elaborará um trabalho escrito antes do final do curso.

IMPORTANTE: Sendo o número de matrículas limitado a 50 (cinquenta), o pedido de admissão deve ser enviado o quanto antes. Para tanto, fale com o seu Superior Maior.

**CENTRO TEOLÓGICO DE ESTUDOS E
ESPIRITUALIDADE PARA A VIDA RELIGIOSA
(CETESP/CRB)**

Pedido de Admissão

(Preencher à máquina ou com letra de forma)

1. NOME DO RELIGIOSO:
2. ENDEREÇO: Tel.:
C.P.: CEP Cidade Estado
3. FAMÍLIA RELIGIOSA:
4. DATA E LUGAR DE NASCIMENTO:
.....
5. ESTUDOS FEITOS:
6. ANO DE ORDENAÇÃO: e/ou PROFISSÃO
RELIGIOSA:
7. ATIVIDADES EXERCIDAS:
.....
8. ATIVIDADE ATUAL:
9. ATIVIDADE QUE ESPERA EXERCER DEPOIS DO CURSO:
.....
10. O QUE VOCÊ ESPERA DO CURSO:
.....
11. NOME E ENDEREÇO DO RESPECTIVO SUPERIOR MAIOR: ..
.....

.....
(lugar e data)

.....
(assinatura do candidato)

Remeter a:

**Frei Constâncio Nogara, OFM
Conferência dos Religiosos do Brasil
Rua Dom Gerardo, 40 - 6º andar (ZC-05)
20000 — RIO DE JANEIRO — GB**

A União Internacional de Superiores Gerais (UISG) convidou o Presidente Nacional da CRB, P. Marcello de Carvalho Azevedo S. J., para ser um dos conferencistas, na Assembléia anual que a UISG organiza para as Superiores Gerais sediadas em Roma. Estiveram presentes cerca de 500. No dia 8 de Novembro de 1974, P. Marcello desenvolveu o tema que lhe fora confiado: Evangelização e Vida Religiosa. Damos abaixo a íntegra desta conferência, que foi publicada também em cinco línguas no boletim da UISG.

EVANGELIZAÇÃO E VIDA RELIGIOSA

P. Marcello de Carvalho Azevedo S.J.
Presidente Nacional da CRB

Falando a cerca de 500 Superiores Gerais em Roma, poucos dias depois da conclusão aqui do Sínodo Mundial dos Bispos, parece-me natural que o enfoque do tema **“Evangelização e Vida Religiosa”** tenha num breve estudo do próprio Sínodo, seu ponto de partida e de constante referência. Isto nos ajudará a tocar o tema tendo bem presente o que sente a própria Igreja a respeito de si mesma, no momento de história que vivemos.

I — ALGUNS GRANDES PROBLEMAS DA IGREJA

1. O Sínodo dos Bispos recém terminado em Roma focalizou seu tema central — **A EVANGELIZAÇÃO DO MUNDO CONTEMPORÂNEO** — menos de um ponto de vista teológico-teórico e mais através de um método prático-indutivo. Deixou em segundo plano o Documento-Base que o precedeu e que fora estudado por um bom número de Conferências Episcopais. Partiu para uma auscultação direta dos depoimentos dos Bispos participantes, muitos dos quais falaram em nome pessoal, embora outros tenham expressado oficialmente o parecer de Conferências de toda uma região.
2. Deste enfoque, emergiram alguns aspectos ou problemas centrais que se encontram no horizonte da Igreja Universal, vistos mui-

to embora pelo ângulo seletivo das Igrejas Particulares no mundo (*). São os seguintes:

- 2.1 — As **grandes religiões** sobretudo orientais, seculares ou milenares, diante das quais, em termos numéricos e de influência, é inexpressiva a presença evangelizadora da Igreja. Problema vivido especialmente pela Igreja da Ásia.
- 2.2 — A urgência da **aculturação e indigenização** da Igreja, de sua efetiva desvinculação aos olhos do povo da ligação afetiva, cultural e operacional com as nações antes ou ainda colonizadoras e com as potências ocidentais. Problema sentido sobretudo pela Igreja da África.
- 2.3 — A abordagem positiva da **religiosidade popular**, expressão secular e não raro sincretista da alma religiosa do povo simples, aspecto ou relegado pela Igreja, ou por ela suscitado mas não integrado num esforço orgânico e atual de evangelização mais profunda. Problema vital para a Igreja da América Latina.
- 2.4 — A impotência e o despreparo da Igreja para uma ação evangelizadora da **sociedade secularizada**, pós-industrial, indiferente aos valores e à Igreja institucional e praticamente saturada da expressão teórica de um cristianismo que a marcou e moldou ao longo dos séculos. Problema pungente para a Igreja da Europa, mas também em parte, da América do Norte.
- 2.5 — A angústia da Igreja diante do **ateísmo programático** e prático dos países sob regime comunista, numa atuação política e cultural crescente e envolvente de regiões inteiras, ação, na verdade, asfixiante das potencialidades evangelizadoras da Igreja. Problema trágico para tantas Igrejas sob governos comunistas.
- 2.6 — Finalmente, o problema universal, identificado por todos, da **injustiça no mundo**, sob todas as formas, entre as quais a mais gritante é a opressão do homem pelo homem e a dominação político-econômica dos países ricos sobre os países pobres ou em desenvolvimento. Da sensibilidade a esta realidade, surge a presença,

(*) Este trabalho foi redigido em fins de outubro. Quase simultaneamente e independente dele, os teólogos que acompanharam os Bispos Brasileiros ao Sínodo preparavam uma apresentação do Sínodo, publicada em fins de novembro por EDIÇÕES LOYOLA, 1974, sob o título: "O Sínodo de 1974 — A Evangelização no Mundo de Hoje — Reflexões teológico-pastorais". Esta obra bem mais pormenorizada nos dispensará de multiplicar em seguida referências constantes às intervenções singulares dos Srs. Bispos do Sínodo. Muito aconselhável também a leitura dos números de OSSERVATORE ROMANO, que deram excelente cobertura sobre o Sínodo.

como uma constante, do tema da LIBERTAÇÃO, conotado diversamente segundo as Regiões.

II — A IMAGEM DA IGREJA

Diante desta sua situação no mundo, como se vê a Igreja a si mesma? Não é fácil sintetizar sem empobrecer. Tentemos o que foi mais destacado.

1. Ela aparece no Sínodo como uma Igreja consciente de suas limitações, uma Igreja que se confessa e penitencia de —
 - 1.1 — Sua marca ocidental, traduzida na conceituação de sua teologia, na expressão de sua liturgia, na configuração de sua ação e operação prática junto a povos não ocidentais.
 - 1.2 — Sua pactuação conformada e passiva com o “status quo” de injustiça social no mundo, do qual ela não se liberta ou por defender posições adquiridas, ou por carcer de força persuasiva em decorrência da incoerência de sua própria vida.
 - 1.3 — Sua estruturação jurídicista e burocrática não raro em detrimento da vida e da criatividade apostólicas.
2. Por outro lado, a Igreja tem consciência —
 - 2.1 — Da necessidade urgente de sua conversão interna e de sua adaptação e aculturação que, salvaguardando a unidade fundamental, leve em conta a peculiaridade das raças, regiões, culturas, tradições, religiões pré-existentes e outros elementos característicos dos povos que a integram. Surge aqui, sentida já de modo mais vivo, a consciência do que pode ser para o crescimento da Igreja Universal, a valorização das Igrejas Particulares.
 - 2.2 — Da ação do Espírito Santo, por tanto tempo eclipsado na sua sensibilidade e na expressão reflexa de sua teologia. A Igreja hoje crê nesta presença e ação muito viva, não como um adicional suplementar, mas como fonte interna, vivificadora de todo o processo de evangelização, antes, durante e depois do mesmo. O Espírito Santo se apresenta como um fator central de todo o processo do universo, no seu caminhar para a evangelização, como na vivência da mesma.

III — TAREFA E MISSÃO PRIORITÁRIA

Para a Igreja reunida no Sínodo, fica bem claro que:

1. A evangelização não se processa extrínseca ao homem e nem de forma dicotômica numa construção paralela do esforço so-

brenatural junto a uma realidade natural pré-existente. A superação prática desta dicotomia surge no Sínodo como um assumir tardio da teologia que há mais de trinta anos sublinha este dado.

2. Daí que, se é verdade que evangelização não se confunde com libertação humana, é verdade também que a ela não se opõe. Antes, numa reta compreensão das perspectivas, a evangelização integral não se pode conceber sem a libertação e promoção do homem, embora esta se possa verificar de um modo não integral sem a evangelização. Neste sentido, a libertação e promoção do homem à luz do Evangelho deveria ser marcada pelo seu traço peculiar de originalidade.
3. Isso leva a Igreja, presente no mundo em realidades tão díspares e contrastantes à impossibilidade de uma uniformidade na sua ação evangelizadora. A principal consequência desta constatação é o aprofundamento dos elementos indispensáveis à criação e fomento da **unidade** na catolicidade. Mas, simultaneamente, a consciência de que a apostolicidade nesta unidade se traduzirá em **formas não homogêneas**, porque proporcionadas de modo crescente aos homens tão diversos que são os destinatários da ação evangelizadora. A pluralidade da inserção concreta em realidades heterogêneas através das Igrejas Particulares é condição de sobrevivência funcional da Igreja universal, na expressão católica da comunhão.

Penso ter dado de um modo sucinto e necessariamente limitado, uma visão sintética das linhas mestras do Sínodo dos Bispos, reunido em Roma, em setembro-outubro de 1974. Elas são válidas como confronto da Igreja de hoje consigo mesma. Elas são significativas como tomada de consciência da Igreja diante do mundo complexo em que ela vive e para o qual quer ser continuação em todo o tempo da presença salvífica de Jesus Cristo.

IV — EVANGELIZAÇÃO E VIDA RELIGIOSA

1. Evangelização.

- 1.1 — À luz do Sínodo, a **evangelização** se apresenta como tarefa global da Igreja ou missão eclesial fundamental, que revive no mundo, até o fim dos tempos, o sentido e a eficácia da presença de JESUS CRISTO como Deus-Homem entre os homens e para a salvação dos homens. A evangelização é o processo de anúncio ao HOMEM da BOA NOVA do EVANGELHO, trazida em Jesus Cristo. É a manifestação do próprio Jesus ao Homem. É a comunicação ao Homem de uma convicção de fé, da mensagem medular ao Evangelho, de

que Jesus Cristo nos revelou o amor, através da revelação da comunhão trinitária vivida nele, com e por ele, entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, que nos amaram nele e que quiseram que nós, amando-nos entre nós, recapitulássemos no mundo este mistério de comunhão e de amor.

1.2 — A evangelização se faz sobretudo pela PALAVRA, isto é, pela transmissão do que Deus falou em e por Jesus Cristo, revelando-se a SI mesmo. Na compreensão da evangelização, o Sínodo voltou a dar precedência à PALAVRA sobre o TESTEMUNHO, mais enfatizado na “Dei Verbum”. Certamente, é o equilíbrio nesta tensão entre PALAVRA e TESTEMUNHO que permitirá à Igreja a valorização das diversas vocações apostólicas na missão global da evangelização.

1.3 — Por outro lado, a Evangelização não é mero anúncio. Ela se torna fecunda e eficaz através da CONVERSÃO do evangelizado, isto é, da sua transformação em profundidade, pela adesão plena a Jesus Cristo, na superação em si, como pessoa humana, de toda forma de egoísmo e, como sociedade, de toda injustiça institucional, sob qualquer forma se apresente. Esta conversão é a que dá a medida da validade da evangelização.

1.4 — A evangelização não é, pois, somente um processo mental e cultural de enriquecimento no conhecer e no saber. Ela só se expressa plenamente por meio da própria vida, iluminada pela Palavra em termos de conhecer, mas feita realidade na vida. Um dos grandes problemas da evangelização do mundo contemporâneo é que, pelo menos o mundo ocidental, e ampla faixa cultural de outras áreas geográficas por ele influenciadas, já está pouco apto a acolher esta Boa Nova. Ele a recebeu, a transformou e a esterilizou teoricamente através de todo um esforço filosófico-teológico-político-social de séculos, até desvirtuá-lo em grande parte e torná-lo inexpressivo ao homem de hoje e do futuro. A racionalização da Boa Nova esvaziou o conteúdo vital do Evangelho enquanto Boa Nova e fez do Cristianismo uma religião a mais ao lado de outras.

2. Vida Religiosa

2.1 — Sobre **Vida Religiosa** enquanto vocação apostólica específica na Igreja, os Bispos no Sínodo propriamente não falaram (1). Tão somente ao dar ênfase ao tema da pre-

sença da mulher na sociedade e na Igreja, ele sublinhou também o papel das RELIGIOSAS na vida da Igreja e na ação evangelizadora. Mas o fez muito mais na linha da necessidade de agentes de pastoral, do que como expressão de sensibilidade e compreensão da natureza mesma da VIDA RELIGIOSA na Igreja (2). **Será este o ponto que constituirá o tema próprio de nosso estudo.**

- 2.2 — Os religiosos se encontram presentes nas mais diversas frentes da ação pastoral: da pastoral de índole **clerical** (paróquias, catequese, sacramentos, etc.) como da pastoral **ambiental** (educação e cultura em todos os níveis, saúde, assistência e promoção social, etc.).
- 2.3 — Em termos de VIDA RELIGIOSA, qual é, própria e estritamente, a sua característica singular e indispensável na evangelização: é a VIDA, é o SER religioso, é o **TESTEMUNHO** radical de vida evangélica (3).
- 2.4 — Vamos partir de VIDA RELIGIOSA entendida aqui como a vida dos que professam nas atuais instituições de Igreja chamadas Ordens, Congregações ou Institutos Religiosos, aprovados legitimamente pela Igreja. Conscientes da imensa distância entre o que esta vida é e o que deve ser, o importante, como método de trabalho, é saber que desta VIDA RELIGIOSA concreta estamos falando e não de alguma coisa ideal.
- 2.5 — A Vida Religiosa segundo a “Lumen Gentium” não pertence à estrutura hierárquica da Igreja, mas é um modo singular de expressar a santidade da Igreja e, por isso, lhe é indispensável. A vida religiosa, emerge, pois, mais diretamente da vida cristã e evangélica vivida no mundo (4) e não necessária ou exclusivamente da vida clerical e certamente não da vida hierárquica. A vida religiosa está, portanto, mais próxima da vida leiga do que da vida clerical.
- 2.6 — Historicamente, a vida religiosa surgiu na Igreja como um apelo de natureza carismática à própria Igreja e por amor à Igreja, no sentido de despertá-la para a necessidade de sua fidelidade ao Evangelho. Um grande número de Fundadores não pretendeu mais do que levar a Igreja a uma conversão, relativa a algum elemento fundamental do Evangelho por ela perdido: a pobreza (5), p.ex., no caso de Francisco de Assis. Muitos não tiveram, em princípio, intenção de fundar Congregações. Viveram evangelicamente e de modo tão intenso que sua presença marcou a vida dos contemporâneos e lhes

atraiu companheiros. Não poucos entre os Fundadores homens deixaram de incluir o presbiterado no horizonte de concretização de seu ideal religioso. Alguns o excluíram explicitamente. Muitos não foram compreendidos pela Igreja Hierárquica do seu tempo (6). Só a fecundidade de sua vida e a força interna do Espírito Santo fez com que se superassem dificuldades conjunturais.

- 2.7 — Através dos tempos, a Igreja oficial reconheceu a **VIDA RELIGIOSA**. Basicamente ela é vida apostólica, isto é, vida que quer ser vivida à maneira dos Apóstolos (7). Reduzir vida apostólica às atividades pastorais é mutilá-la. O apostolado é inerente à própria vocação cristã, principalmente em decorrência dos sacramentos do Batismo e da Confirmação. A ação pastoral da Igreja, sobretudo na forma de pastoral orgânica ou de pastoral de conjunto, é o resultado da coordenação hierárquica das vocações apostólicas em vista de objetivos concretos a atingir para o bem do povo de Deus. E entre estas vocações (8) apostólicas encontram-se também as dos Religiosos e Religiosas.
- 2.8 — Mas, recoloquemos aqui novamente a pergunta chave: Qual seria a característica própria do evangelizar do Religioso na Igreja, como um dos sujeitos da tarefa eclesial global, se o considerarmos estritamente como Religioso? Enquanto Religioso, ele não evangeliza necessariamente só pela Palavra, nem só sacramentalmente. Tampouco evangeliza primordialmente pelas suas obras e instituições, sobretudo no mundo atual, onde a condição de suplência destas obras ou é diretamente questionada, ou mesmo agoniza em países desenvolvidos. Ainda nas áreas subdesenvolvidas, caminha para ser em boa parte assumida pelo Estado. De qualquer modo, as obras são ou podem ser instrumentos ou veículos de evangelização, na medida em que constantemente se adaptem, numa resposta adequada aos homens a que servem.
- 2.9 — Mas, enquanto **RELIGIOSO**, ele evangeliza antes e sobretudo pelo seu **SER**, pelo que ele é, qualquer que seja sua forma de vida e de ação (9). E, se sua vida não é evangelizadora, ela perde a razão de ser.
- 2.10 — O Religioso para evangelizar efetivamente no mundo contemporâneo, seguirá todo o esforço da Igreja através de métodos, planos e técnicas, saberá potenciar os

meios de comunicação social, valorizar instituições de inegável eficácia como presença apostólica no mundo. Deverá articular-se, fiel ao seu carisma próprio (10), com as linhas pastorais da Igreja Particular em que se encontra, colocando-se concretamente a serviço do Povo de Deus. Tudo isso são modalidades.

- 2.11 — Mas, fundamentalmente, os Religiosos, enquanto Religiosos, evangelizarão na medida em que, por sua vida (11) e por seu ser (12), tornem de novo presente no mundo, de modo fiel e radical, o próprio JESUS CRISTO (13).

3. Jesus Cristo Evangelizador e Vida Religiosa

- 3.1 — Jesus Cristo se apresentou antes de tudo como HOMEM, no meio dos Homens. A Incarnação foi o primeiro grande passo para a evangelização do mundo (14). Deus que se podia anunciar ao mundo de mil maneiras, escolheu esta de fazer-se HOMEM. E a maioria dos que identificaram Jesus ou com ele conviveram historicamente, não o reconheceram mais do que como homem. Mas um homem pleno, inserido totalmente no contexto real do seu tempo. Homem, como diz a Epístola aos Hebreus, que assumiu o que é nosso menos o pecado (Heb 4,15).

- 3.2 — A Vida Religiosa, para ser evangelizadora, deveria dar aos Religiosos condições de serem primordialmente pessoas humanas, ricas, desabrochadas, integradas, amadurecidas (15), realizadas, felizes. Há aqui um real esforço de conversão a fazer. Reconhecidamente, todo um estilo de vida religiosa, comprometeu precisamente a realidade humana dos religiosos em sua dimensão pessoal. Produziu então, em índices significativos, pessoas não raro truncadas, trabalhadas por conflitos interiores, amarguradas e por vezes destruídas por dentro.

- 3.3 — Se é pelo nosso ser e pela nossa vida que, falando estritamente do ponto de vista de nossa vocação religiosa, evangelizaremos o mundo, é importante que os homens reconheçam em nós, como os contemporâneos de Jesus identificaram nele, seres humanos plenos. E aqui, vale prolongar a reflexão tanto na linha da pessoa humana masculina como feminina. Falando a Religiosas, merece particular consideração aqui esta última.

- 3.4 — A Igreja, que muito cedo (16) assumiu sobretudo expressão masculina, devido à conjuntura cultural em que

nasceu e em que viveu o próprio mundo oriental e ocidental até muito recentemente, transpôs isto para todo o seu estilo de relacionamento com a MULHER, na sociedade e na própria Igreja (17). A vida religiosa foi marcada por uma unilateral e crescente masculinização, desde boa parte das fundações, da elaboração das constituições, da direção e orientação espiritual, da configuração dos hábitos e costumes, da expressão externa, dos cursos e retiros até uma série de atitudes e manifestações em todo o agir. A Igreja e o homem na Igreja tratou e, sob muitos aspectos, trata ainda a mulher religiosa fundamentalmente como menor ou inferior. A Religiosa, por seu lado, aceita ou procura a tutela do homem, subordina-se servilmente a ele, transfere para ele decisões que podiam ser suas (18). Boa parte dos organismos femininos de Igreja apóia-se implícita ou explicitamente em algum homem.

- 3.5 — Seria hoje muito importante que a mulher consagrada se descobrisse como MULHER, em toda a riqueza de sua feminilidade. Que como tal servisse à Igreja, na expressão santificada de sua pessoa humana feminina. A promoção e o crescimento da mulher não está em que ela faça o que faz o homem. Nem em que ela, para ser ela mesma, tenha sempre que agir separadamente do homem e construir isolada e unilateralmente o que é seu. O decisivo é que ela não tome o homem como padrão de seu ser e de seu agir. Mas, que reconheça, em igualdade e concomitância com o homem, seus direitos e deveres específicos e próprios e os assuma de modo consciente. Que dê, sobretudo na evangelização, no esforço humano simultâneo e integrado masculino-feminino, o tipo de colaboração que lhe é próprio, que só ela como MULHER poderá dar e que não deverá nem poderá ser expresso pelo homem (19). Com isto, estamos longe dos enfoques de qualquer corrente de tipo feminista, mas buscamos uma autêntica valorização e descoberta da presença própria da mulher no mundo e na Igreja (20).

4. Jesus Cristo Evangelizador e Vida Religiosa. Jesus Cristo Homem para o Outro.

- 4.1 — Jesus Cristo foi reconhecido pela maioria de seus contemporâneos como Homem, sim, mas como um Homem extraordinário e diferente, exatamente porque esvaziado de qualquer forma de egoísmo e inteiramente volta-

do para os outros. O homem BOM, que passou pelo mundo fazendo o bem (21), sem fronteiras no amor. O homem atento aos outros. O homem que afirmou ser tão importante amar o próximo como amar a Deus (22). O homem que transformou todo um código milenar de comportamento discricionário com relação aos outros (23) e declarou serem todos iguais diante de Deus (24).

4.2 — A Vida Religiosa, para ser evangelizadora como Jesus Cristo, teria que passar por uma profunda conversão (25). Nós consolidamos ao longo dos tempos modos de ser e de agir que, a partir da teologia da “fuga mundi” do século IV, nos isolaram progressivamente dos homens e não necessariamente do “mundo” no sentido joaneico do termo (26). Nós arvoramos em virtude o não partilhar o que é a vida da esmagadora maioria dos habitantes do mundo. Nós nos demos uma sólida e confortável segurança institucional, que nos avantajamos hoje, principalmente nas áreas do terceiro mundo, como privilegiados, de certo modo inatingíveis pelas sucessivas crises e problemas, carências e conflitos, com que se defronta o homem quotidiano destas latitudes.

4.3 — Nós pudemos conduzir muitos jovens religiosos a uma vida tal que, mesmo sem trabalhar à altura dos seus coetâneos, continuam vegetando em nossas casas, cercados, às vezes, de requintadas condições de vida. É incrível verificar como um bom número de religiosos em idade produtiva consegue escapar à lei universal do trabalho (27), como, mesmo em países desenvolvidos e mais gravemente ainda no terceiro mundo, os religiosos vivem por vezes à margem das exigências do trabalho e das coordenadas econômicas do mundo atual, em tudo o que eles trazem e comportam de austeridade, de disciplina, de privações, de dificuldades, de insegurança e de riscos. Nós temos garantida a sustentação e, com isto, podemos eximir-nos irresponsavelmente do que é hoje o dia a dia do habitante das grandes cidades. A passividade, a não combatividade, a ausência de criatividade, o não ter que lutar para sobreviver, tudo isto foi de certo modo eliminando em nós a inspiração heróica de nossas vidas. Fomos nos mediocrizando e nos alienando num mundo que é competitivo, onde sobrevivem os que arduamente lutam, onde as funções são atribuídas mediante concurso e mantidas por avaliação de qualidade. É impressionante ver como muitos reli-

giosos que tiveram oportunidades incomuns e singulares de estudo e qualificação se acovardam diante da vida e se acham cronicamente incapazes para tarefas que leigos desempenham com menores condições de formação e preparação ou que eles mesmos assumem quando abandonam a vida religiosa. A acomodação de muitos e o despreparo de outros constituem muitos Institutos Religiosos numa espécie de casta à parte, incompreensível na sociedade e no mundo real em que vivemos. Em quase todas as Congregações há pessoas mais próximas aos homens, que sofrem e labutam com eles e se perguntam angustiadas se o corpo apostólico a que pertencem está realmente em condições de evangelizar.

5. Jesus Cristo Evangelizador e Vida Religiosa. JC, o Profeta.

- 5.1 — Jesus Cristo para muitos e para alguns dos que com ele conviveram SE revelou como um homem perfeito, um homem bom e aberto ao outro, mas, particularmente, como um homem que reconstituía de modo eminente a **dimensão profética** conhecida e quase esquecida em Israel. Ele soube ver claro e decidir-se; apontou os erros e disse a que vinha; denunciou as contradições do ritualismo e do farisaísmo que invadira a religião do seu tempo (28). Mostrou a incoerência entre a vida e o que se professava e fez de sua mensagem uma fonte de libertação e de coerência interior. Foi sobretudo o homem veraz que restaurou a primazia dos direitos de Deus (29).
- 5.2 — Nós Religiosos, para evangelizar como religiosos, teríamos que redescobrir nossa **missão profética na Igreja e no mundo** (30). Muitos fundadores viveram intensamente esta dimensão. Eles questionaram por dentro a própria Igreja, conservando-se no amor dela e respeitando-lhe o ritmo, mas vivendo pela força do Espírito a realidade de uma vida evangélica e purificada. Seria longo explicitar como precisamente a fixidez e imutabilidade vivida pelos religiosos sobretudo nos últimos quatro séculos marcou-os pela ausência de uma consciência crítica maduramente elaborada na inspiração do Evangelho, que lhes permitisse ajudar a Igreja na constante purificação de si mesma (31).
- 5.3 — Penso que, mais do que em outras linhas é nesta que se situa o desejo da Igreja, através de *Lumen Gentium*, *Perfectae Caritatis*, *Ecclesiae Sanctae* e *Evangelica Testificatio* de uma redescoberta da **intuição fundamental**

dos nossos Fundadores. Voltar à intuição fundamental é recaptar a ação do Espírito de Deus sobre o Fundador, num momento dado da vida dele e da Igreja, para servi-la melhor, a Deus e aos homens, na repriminção da vocação evangélica da Igreja sob algum aspecto vital por ela perdido ou debilitado.

- 5.4 — Redescobrir a intuição fundamental do Fundador é saber distinguir entre o que ele escreveu, os moldes sociológicos e culturais em que viveu e se expressou e a realidade concreta dos nossos dias. Mais do que seguidores deveríamos ser continuadores dos nossos Fundadores (32). Pessoas que retomam na presente caminhada da História, a séculos de distância deles, o movimento original do Espírito que tocou aquele homem ou aquela mulher para o bem evangélico da Igreja. Isto nos permitiria realmente ser fiéis não materialmente, mas vocacionalmente, aos nossos Fundadores (33). Isto simplificaria em grande parte a nossa vida e a tornaria sempre mais referenciada ao Evangelho e não aos aspectos episódicos e temporários de sua expressão. Não é verdade que para muitos de nós o Evangelho só nos chegou através dos escritos de nossos Institutos?
- 5.5 — No momento em que cada uma de nossas Congregações procedesse a um estudo sério de natureza histórica, sociológica e teológica sobre a intuição fundamental do próprio Fundador no momento em que referisse estes dados à realidade concreta do mundo atual e das situações diversificadas que vivemos nas várias regiões do mundo; no momento em que fizéssemos com que os resultados destes estudos fossem relacionados também à realidade da Igreja pós-conciliar e das Igrejas Particulares às quais servimos; no momento em que levássemos a grande maioria dos membros de nossas Congregações a dar-se conta existencialmente do alcance e das consequências disto em sua vida; neste momento nós estaríamos devolvendo à Igreja a originalidade diversa e pluriforme dos nossos carismas fundacionais. Estaríamos proporcionando à Igreja uma presença subsidiária de nossas Ordens e Congregações no esforço de evangelização e não uma multiplicação uniforme dos mesmos modelos, repetidos e colocados supérflua e duplicadamente um ao lado do outro. A grande uniformização das Ordens e Congregações religiosas que nos conduziu a este quase modelo único nos últimos quatro séculos levou-nos a debilitar o vigor original e profético de

nossos Fundadores, a perder de vista aquilo que, precisamente, pela ação do Espírito, fez com que Francisco não fosse Bento e Inácio, Domingos (34), apesar de se inspirarem no mesmo Evangelho e servirem à mesma Igreja (35).

6. Jesus Cristo Evangelizador e Vida Religiosa. JC o Filho de Deus.

- 6.1 — Finalmente, Jesus Cristo foi por alguns, por muito poucos, é verdade, identificado como o **FILHO DE DEUS**. E Ele mesmo sublinhou que este reconhecimento significou sempre uma decisiva e eficaz ação do Espírito Santo. Nós só o podemos reconhecer como Filho de Deus (36) porque o Seu Espírito fala e age em nós para que assim o seja.
- 6.2 — Evangelizar é manifestar, proclamar, propagar, tornar patente o acontecimento da única **BOA NOVA**. Esta não é uma idéia. A salvação, a reconciliação, a comunhão de vida são um **ACONTECIMENTO**, a realidade viva de Jesus Cristo, que é para o homem de todos os tempos o Caminho, a Verdade e a Vida. Evangelizar é dar a conhecer (37), a viver e a amar ao homem e ao mundo esta realidade pessoal de Jesus Cristo, que se manifestou historicamente como o Filho de Deus incarnado e que continua presente na Sua Igreja através dos tempos (38).
- 6.3 — A evangelização, pois, é a crescente e progressiva realização desta Igreja no mundo (Ad Gentes 6/35). A Igreja só tem sentido enquanto pelo que é em si mesma se tornar inquestionavelmente evangelizadora. É a Igreja **TODA** que opera a evangelização. Toda ela, por todos os seus membros, apostolicamente vocacionados nos mais diversos modos, é enviada a manifestar ao mundo a gratuidade da iniciativa divina da salvação concretizada em Jesus Cristo.
- 6.4 — Sob esta perspectiva tocamos o ponto central da **VIDA RELIGIOSA**, em termos de **EVANGELIZAÇÃO**. No mundo de hoje esvaziado de Deus e que arvorou em absolutos seus próprios valores, o Religioso deveria ser alguém que, pela sua própria vida, pelo modo de focalizar e avaliar a realidade, estaria traduzindo para os homens a certeza do que o transcende, o esforço de libertação do pecado e da morte e a consciência da relatividade dos muitos valores intra-terrenos episodicamente absolutizados pelo homem. Mas, sobretudo,

estaria testemunhando pela sua fé profunda e vivida, pelo seu contato com Jesus Cristo, pela experiência de Deus, a existência de **ALGUÉM**, em termos pessoais, **PELO QUAL** e em força **DO QUAL** é vivida esta nossa vida.

6.5 — Isto supõe uma vida interior intensa e exigente, uma grande docilidade à ação do Espírito Santo, mas, particularmente, uma atenção constante à coerência interna de nossa vida com o Evangelho. Isto exige um despojamento e um desarmamento interior que, através da consciência profunda da pobreza radical de nossa pessoa, nos leva à convicção liminar de que é o **ESPÍRITO SANTO** que evangeliza por nós e através de nós (39).

6.6 — Só assim, como aconteceu com os Apóstolos e com nossos Fundadores poderemos ser na Igreja presenças evangelicamente fecundas. Só assim a nossa **VIDA RELIGIOSA** será efetivamente evangelizadora. Redescobrir as raízes diretamente evangélicas de nossa vida religiosa é para nós, religiosos de hoje, quaisquer que sejam nossos carismas de origem, tarefa prioritária e inadiável. E isto supõe de todos nós uma transformação profunda do que somos para que venhamos a ser fiéis ao que devemos ser (1 Tess 5,21). Isto não se fará sem um esforço leal e profundo, rico de humildade e de esperança, de **auto-evangelização de nós mesmos** (40).

6.7 — Por outro lado, esta auto-evangelização pressupõe muita atenção ao mundo em que vivemos e para o qual, como a Igreja e na Igreja, existimos. Mais do que nunca os Governos Gerais das Congregações devem ser conscientes desta dimensão prospectiva, porque vivemos um presente que, na aceleração das transformações, se torna passado rapidamente e, fixado no tempo, pode deixar-nos no vazio do futuro sempre iminente que não soubermos entrever e construir. Vista assim, a **VIDA RELIGIOSA** é hoje de extraordinária atualidade para a Igreja.

NOTAS

1. Dois Superiores Gerais, Frei Constantino Koser OFM e P. Pedro Arrupe S.J. tocaram mais de perto este aspecto da Vida Religiosa como vocação apostólica específica na Igreja. A aborda-

gem dos Bispos, em geral, excetuada às menções à Vida Contemplativa, configurou a vida religiosa quase exclusivamente pelo seu lado operativo, sem atingir-lhe a natureza teológica.

2. Podemos talvez arguir que é uma coisa só e não se devem aprofundar dicotomias. Realmente, na pessoa há uma unidade profunda e o seu ser se expressa no seu agir. Mas é inegável a **vida religiosa** se constitui na Igreja como uma **vocação apostólica própria e definida**. Como tal, ela deveria atingir algo de muito profundo na própria pessoa determinando um agir também peculiar. A ação pastoral, pois, não é qualquer coisa de indiferenciado e uniforme para todo o Povo de Deus. Mesmo o presbítero religioso que age numa frente pastoral deve atender em si a uma vocação religiosa e a uma vocação presbiteral ministerial que têm conotações perfeitamente distinguíveis. Se algum dia, por exemplo, a Igreja, por hipótese, levantasse a lei do celibato para os presbíteros, tal medida em nada afetaria os presbíteros religiosos, que têm o celibato inerente à natureza mesma de sua vocação religiosa. O leigo tem também sua vocação apostólica singular e definida, à qual deveria corresponder um agir concreto e adequado. O grande equívoco na conscientização para a ação pastoral hoje é a perspectiva meramente clerical da pastoral, como única forma válida de expressão pastoral. Então passamos a só considerar como pastoral o que se enquadra na paróquia, catequese, sacramentos e palavra. Não foi este enfoque unilateral e incompleto que cunhou a tão infeliz expressão: "pastoral direta"? Não é ele que tem trazido para a sacristia ou para o presbitério muitos leigos que, sensibilizados por um desejo de maior engajamento, se oferecem mas não encontram da parte da Igreja oficial outra alternativa senão a de "clericalizar-se" na sua ação? O aprofundamento e revalorização das diversas vocações apostólicas redundaria numa ampla subsidiariedade da ação pastoral de todo o Povo de Deus. A recente teologia da diversificação dos ministérios está timidamente intuindo esta perspectiva. Digo timidamente, porque se tem situado muito ainda na linha da **substituição** de presbíteros por religiosas e leigos em funções antes exercidas só pelo clero, este clero hoje insu-

ficiente e escasso. É uma colaboração tardamente admitida, pois, quase numa linha paradoxalmente compulsório-concessiva, "porque não houve outro remédio". Na verdade, uma real diversificação de ministérios (linha do agir) pressupõe a redescoberta consciente da diversificação das vocações apostólicas (linha do ser). E aqui a teologia tem um longo caminho a fazer ou a re-fazer. E este é o único que lhe dará condições de superar o estrangulamento pastoral, gerado pela manutenção de formas e objetivos tornados inviáveis pela acelerada transformação das situações e da vida.

3. Mc 8, 34 ss.; 1 Pe 2, 21.

4. cf. 2 Cor 4, 11.

5. cf. Mt 19, 21.

6. 1 Pe 4, 13-17.

7. Mt 4, 22; 10 38; 19, 27.

8. cf. 1 Cor 2, 4-11 — *Perfectae Caritatis* 1.

9. cf. Gál 6, 14 — *Perfectae Caritatis* 1. *Lumen Gentium* 43-47.

10. cf. 1 Cor 12, 7.27-30 — *Perfectae Caritatis* 1. *Christus Dominus* 33-35.

11. Flp 3, 10.

12. Jo 15, 20.

13. Jo 15, 4-5.

14. Jo 1, 14.

15. cf. 1 Cor 14, 20.

16. 1 Cor 11, 3; 1 Tim 2, 11.

17. 1 Cor 14, 35.

18. 1 Jo 2, 20-27.

19. Rom 16, 1-2.6-7.12.15.

20. É interessante como diversos movimentos ditos "feministas" bem como alguns enfoques sobre a promoção da mulher nos meios de comunicação social, (imprensa e TV sobretudo), na verdade reafirmam tacitamente a primazia do homem sobre a mulher. A índole revanchista e reivindicatória, a conotação de revolta e separatismo ou as formas mimetistas de afirmação feminina partem todas de um ponto de referência: o homem. Ele permanece assim para tais movimentos — inconfessada e acriticamente como norma e termo constante de comparação. A posição que aqui assumimos, sem ter tempo infelizmente de aprofundá-la, é integradora e, por isso mesmo, mais con-

sistente e próxima da realidade. (Cfr. todos os números de CONVERGÊNCIA do ano de 1974, especialmente 65/66 e 71/72).

21. At 10, 38.

22. Mc 12, 29-31 (cf. 1 Jo 4, 19-21).

23. Lc 10, 30-37; Mt 25, 31-40 (cf. Gál 3, 26-28).

24. cf. Mt 5, 44-48.

25. cf. Mt 3, 8-12; Lc 10, 13s; 11, 32; Ef 4, 17-24.

26. cf. Jo 17, 11; 1 Jo 2, 15.

27. 2 Tess 3, 6-11.

28. Mt 23, 1-39.

29. Mt 5, 7.

30. Mt 5, 3-16 (cf. a temática da X Assembléia Geral da CRB, julho de 1974. Cbl. Publicações CRB, números 16, 17, 18).

31. Um traço que distingue bem um fundador carismático do personagem hereje está precisamente na respectiva atitude com relação à Igreja. Ambos talvez vejam com justa acuidade as falhas ou desvios inegáveis da Igreja. O hereje contudo tende a absolutizar o erro a corrigir ou a virtude a recuperar, a ponto de por este objetivo sacrificar o todo. O fundador carismático age no amor do todo que é a Igreja. Ele a purifica ou santifica sobretudo pela irradiação de sua vida dos desvios e limites inerentes à dimensão humana da própria Igreja.

32. 2 Cor 13, 5 (Perfectae Caritatis 1-2. Cf. Motu proprio Ecclesiae Sanctae).

33. 1 Cor 4, 16; 11, 7; Flp 3, 17; Heb 12, 6ss.

34. Rigorosamente falando, os grandes carismas fundacionais, aqueles que tocam a estrutura mesma do Evangelho, são como outras tantas vocações apostólicas peculiares dentro do contexto global da vocação apostólica que já é por si na Igreja a Vida Religiosa. Em linha de última consequência, a mesma ação pastoral exercida por religiosos de distintas congregações, por um franciscano e um beneditino, por exemplo, deveria ser diversamente assinalada pela leitura evangélica que caracteriza o respectivo carisma. Um esforço consciente neste sentido nos levaria e re-pristinaria em nosso tempo e em formas a ele adaptadas as irrupções do Espírito Santo ao longo da história da Igreja na pessoa de alguns santos que abalaram o mundo. Por outro lado, conduziria igualmente a uma progressiva matização da ação pastoral, que poderia integrar o rigor metodológico do planejamento, de um lado, e de outro, a riqueza flexível de expressões criativas, imprescindíveis na vida da Igreja.

35. 1 Cor 12, 4ss. 7-11.19; Rom 12, 6ss.

36. Jo 1, 14.

37. Jo 20, 30-31; 1 Jo 5, 12-13; Jo 14, 6-11; Rom 10, 15.

38. Mt 18, 19-20; Mt 28, 20.

39. Jo 15, 26-27; Rom 8, 2.

40. 2 Cor 13, 5.

AS RELIGIOSAS E A EVANGELIZAÇÃO

Irmã Mary Linscott

Superiora Geral das Irmãs de Notre Dame
de Namur e Presidente da UISG

Sob certo ponto-de-vista, nosso título não se deveria formular. Se admitimos que todos os membros da Igreja são responsáveis pela evangelização, por que excluir as religiosas? E, se a razão de ser das religiosas é a evangelização, por que falar de alguma coisa que é óbvia em suas vidas? Talvez esta evidência e a sua fundamentação como relação entre a consagração religiosa e o evangelho é que exigem uma análise mais aprofundada. As coisas óbvias, muitas vezes, precisam de uma atenção especial porque, com frequência, são tomadas por gratuitas. Este parece ter sido o ponto-de-vista de Paulo VI quando convocou o Sínodo de outubro de 1974 e o consagrou exclusivamente ao tema da evangelização.

Difundir o evangelho é a verdadeira e única razão de ser da Igreja. Presume-se que ela esteve sempre engajada nesta tarefa, seja por sua

natureza, seja pelo mandato que recebeu. Mas há razões suficientes no mundo atual para se analisar mais detalhada e profundamente o que a Igreja está fazendo, como o está fazendo e o que necessita fazer ainda. O mesmo acontece conosco. Nós religiosas somos mulheres para a Igreja. Por isso é de esperar que sempre estivemos engajadas na missão da Igreja. Mas dando prosseguimento ao recente Sínodo e como oportunidade de troca de valores de uma experiência internacional de evangelização, como esta assembléia pode ser, vamos enfocar nesta conferência o tema a **Evangelização Hoje**.

Vou apresentar, para início de nossas reflexões, alguns pensamentos sobre três questões: O que é a evangelização em si mesma? Quais as condições para a evangelização no mundo de hoje? Qual o papel da religiosa na evangelização do mundo de hoje?

1. O que é a evangelização

O que queremos dizer por evangelização? No primeiro documento de trabalho, os Padres Sinodais se referiram a três possíveis sentidos, todos eles interrelacionados. Em primeiro lugar, evangelização pode ser qualquer atividade pela qual, de alguma maneira, o mundo se transforma para se conformar à vontade de Deus. Em segundo lugar, a evangelização pode ser a atividade sacerdotal, profética e real pela qual a Igreja se difunde de acordo com a intenção de Cristo. E, afinal, a evangelização poderia ser a atividade pela qual o evangelho é proclamado e anunciado; é a atividade pela qual a fé é implantada entre os não-cristãos e é alimentada entre os cristãos (1).

Em outras palavras, a transformação do mundo, o crescimento da Igreja, a proclamação do evangelho, a implantação e o fortalecimento de uma vida de fé, tudo isto tem seu lugar garantido em qualquer projeto de evangelização. Antes do Sínodo terminar, ouvimos falar de uma evangelização primária e secundária, de uma evangelização de fronteira e de uma evangelização pastoral, de evangelização como libertação, de evangelização direta e indireta. Claro, a palavra recebe uma conotação mais específica em determinado contexto, quando se quer sublinhar um enfoque e um sentido.

Para os objetivos de nossa conferência, adoto a formulação que se encontra no fim do documento de trabalho do Sínodo: Evangelização é o complexo de todas as atividades pelas quais o povo é levado a parti-

cipar do mistério de Cristo, proclamado no evangelho (2).

A proclamação do mistério de Cristo é a boa nova da ação de Deus para e em favor da humanidade. O evangelho nos comunica alegria. Ele faz sentir melhor a esperança e a sensação de que a vida é digna de ser vivida. É então que nos despertamos para ele, o celebramos, dele participamos. Ele tem em si uma força festiva que nos impele a sair de nós mesmos e a anunciá-lo a alguém, porque contar nossa alegria é sempre aumentá-la.

Isto é infinitamente mais verdadeiro quando é dom de Deus em Jesus Cristo. A partir desta primeira proclamação, este anúncio é alegria e comunicação. Maria, mesmo com dificuldade, quando compartilhou sua novidade com Isabel, fez João exultar de alegria pelo anúncio da boa nova. Os pastores falavam uns aos outros dos alegres acontecimentos e de uma imensa felicidade. André e João partilhavam com Pedro a grande notícia de ter encontrado o Messias. Felipe transmitiu a palavra a Natanael, embora aquele Messias estivesse vindo de Nazaré. Os amigos levaram a notícia que significava: saúde para o homem paralítico, vista para o cego, libertação para o endemoninhado, vida para o filho do centurião, vida para a filha de Jairo e para o irmão de Marta e de Maria.

Em cada exemplo, a boa nova de Cristo, uma vez recebida, fora partilhada totalmente, prontamente, pessoalmente, como uma alegria. Desde o momento da ressurreição, o prêmio de Madalena foi anunciar e partilhar a nova alegria da ressurreição do Senhor.

As características da alegria e a necessidade de partilhá-la marcaram a proclamação do evangelho na Igreja primitiva. A boa nova não podia ser contida. Mas é muito claro que os primeiros cristãos tão alegremente partilharam, viveram e morreram não por uma mensagem, uma filosofia, ou um ensinamento qualquer, mas por uma pessoa: Jesus Cristo. Jesus Cristo era a Palavra que anunciavam. Eles o conheceram antes de o anunciarem. Eles o conheceram na pregação, no seu anúncio. Eles o testemunharam por suas vidas. Foram arautos na proclamação. Foram apóstolos pelas obras. Cristo era o centro de suas vidas no cuidado de uns pelos outros, na fração do pão, na oração em comum, na pregação e no ensino, no discernimento e na resposta ao Espírito. Num vasto arquipélago de pequenos grupos espalhados pelo Mediterrâneo, eles provaram que vida cristã é vida em Cristo, na alegria do Espírito e no impulso de um amor que sempre cresce em cada nova participação. Evangelizar é construir a vida conforme se prega. "O amor de Cristo me impele", escreveu um de seus grandes mestres. "Ai! de mim se não evangelizar!" (3).

A experiência de Paulo em partilhar o evangelho é típica na Igreja primitiva sobre dois aspectos: o que-rigma ou a proclamação, o que o Sínodo chamou de evangelização de fronteira; e o aprofundamento pelo ensino, pelos sacramentos e pela comunidade, que o Sínodo chamou de evangelização pastoral. Ter sido selecionado pelo Senhor para anunciar sua Palavra aos gentios significa que Paulo, mais do que qualquer outro apóstolo, teve uma tarefa específica.

Nas cidades da Grécia e da Ásia Menor foi um pioneiro. Excetuando os centros judaicos, a única preparação que encontrou para esta tarefa foi uma inarticulada e implícita presença e ação do Espírito Santo que, de maneira misteriosa, dispõe os homens para aquilo que Deus quer revelar em Jesus Cristo.

É para este incipiente testemunho de um Deus desconhecido que ele apela. É através disto que ele trabalha para anunciar o evangelho, fazendo ele mesmo, "tudo para todos para levar todos os homens a Cristo". Esta primeira fase, entretanto, teve de ser seguida por uma fase pastoral. Não era suficiente lançar a semente ao largo. Exigia-se uma cuidadosa organização de pequenos grupos locais, ênfase sobre a unidade das Igrejas, ensinamento prático da vida cristã, atenção especial para homens como Timóteo e Tito, contato pessoal, diálogo, visitas a lugares como Corinto, Éfeso, Mileto.

Paulo nunca esteve sozinho, exceto nas suas perseguições. Multiplicou sua presença em seu trabalho pastoral de tal maneira que as Igrejas, desde os primeiros momentos, foram sempre confiantes, serviçais e autopropagadoras. Elas viviam em Cristo pelo testemunho, pela palavra e pelas obras. Como células sadias num corpo que cresce, as Igrejas eram únicas e unificadas, crescendo com uma vida que, tanto Paulo quanto elas próprias, sabiam ser uma dádiva. Esta dádiva pela qual a comunidade primitiva se desenvolveu e todo o projeto de evangelização foi possível, deu-se, como Paulo muito bem o revelou, pelo Espírito de Jesus que o possuía. Seja na en-

carnação em si mesma, seja na continuação da Igreja até o fim dos tempos, a evangelização é um empreendimento, ao mesmo tempo, divino e humano. Ninguém estava mais consciente disto do que um apóstolo. Ele sabia perfeitamente bem que a missão que absorvia toda a sua vida não era devida à sua própria iniciativa nem era de sua exclusiva responsabilidade.

Paulo, como Bárnabas, foi segregado pelo Espírito Santo. Fora este mesmo Espírito surpreendente que, com inesperada imparcialidade, descera sobre a assembléia dos apóstolos e na casa e sobre a família de Cornélio; que enviou Felipe ao encontro do etíope e que o levou prontamente a outras paragens quando sua missão havia sido cumprida. O mesmo Espírito encheu Estêvão e a casa onde Pedro e João rezavam; descera sobre Paulo depois que se encontrara com Ananias em Damasco. Foi à luz deste Espírito que Paulo descobrira o mundo novamente. Sob a inspiração do Espírito planejou seu trabalho: Tróade antes da Bitínia; Macedônia antes do Ponto; Corinto em lugar de Atenas; Jerusalém, quando toda a prudência estava contra ele. No poder deste Espírito que o impelia, acompanhava e fortalecia, de quem era verdadeiro instrumento, Paulo levou o evangelho, o evangelho de Jesus Cristo crucificado e ressuscitado, a um mundo injusto e materialista, confuso e carente de Deus, tanto ontem como hoje. Na força do Espírito, ele levou o evangelho como um desafio da fé que exigia uma resposta da fé. Ele o levou pelo querigma e pelo testemunho, pela oração e pela conversão pessoal, pelos sacramentos e

pela comunidade, e o levou no contexto da Igreja. Vinte séculos mais tarde, seu estilo para difundir o evangelho ainda é uma inspiração e um de nossos melhores guias práticos.

Tudo isto pode parecer um pouco alheio ao título de nossa conferência ou do tema do Sínodo que foi a evangelização do mundo de hoje. Mas este distanciamento é apenas aparente. A boa nova é a mesma, ontem, hoje e sempre. A necessidade de conhecer Jesus Cristo por uma experiência pessoal permanece. Isto constitui responsabilidade batismal de todo cristão na missão da Igreja. Uma evangelização de fronteira e uma evangelização pastoral são ainda atividades básicas pelas quais o evangelho é anunciado e aprofundado. Muito do que era verdadeiro para Paulo e para as suas comunidades aplica-se à Igreja dos anos 70 e não há dúvida de que a força do Espírito Santo move os corações agora, como moveu os corações dos homens de Éfeso, que nunca tinham ouvido falar dele.

Ao mesmo tempo, é lógico que a urgente mensagem evangélica e os processos de difundi-la têm formas diferentes em tempos diferentes. A palavra tem de ser proclamada e ouvida aqui e agora. A questão para nós será: Como ela deve ser proclamada e ouvida hoje? Podemos perguntar: Como os evangelizadores destes últimos 25 anos entenderam sua missão? Quem os ouviu? Em que mundo sua voz foi ouvida? Estas perguntas têm uma ampla ramificação, especialmente se as projetamos em escala mundial. Mesmo ocorrendo o risco de sermos simplis-

tas, precisamos tocar estas questões, porque será em seu contexto que as religiosas devem realizar sua vida e prestar seu serviço. A religiosa não vive num deserto. Para descobrir sua relação com todo o projeto de evangelização aqui e agora, temos de vê-la como uma mulher consagrada na Igreja de hoje, servindo e anunciando o evangelho no mundo de hoje. O que implica tudo isto?

2. A evangelização no mundo de hoje

Para dar uma resposta precisamos não apenas saber o que é evangelização mas também compreender um pouco o nosso mundo, embora na prática estes dois aspectos se reduzam a um só, ou seja, o modo como entendemos nossa missão cristã.

Para um primeiro trabalho pastoral, o que o mundo cristão é para nós? Lógico, alguma coisa já se modificou desde o tempo de Paulo. O primeiro impacto do anúncio da figura de Cristo é este: as portas do inferno não são suficientemente fortes para prevalecer em suas investidas. Paulo descreve este impacto como uma bola de fogo, ameaçador e consumidor. Portas defensivas não são a única necessidade contra um poderoso e ativo ataque. O fogo só ameaça e consome se houver alguma coisa para queimar. Duvido se descreveríamos o nosso tempo como o tempo de maior tormenta na história da evangelização ou como o tempo em que o fogo queimou mais vivamente. É verdade, nossos tempos são tempos de grandes desafios e de grandes oportunidades. O Espírito Santo inspira novas aberturas e novo zelo para o anúncio do evangelho.

O que fizemos para chegar onde nos encontramos? As raízes da atual situação, creio, estão na dicotomia entre o sagrado e o secular que desde a Renascença e a Reforma se apresentam debaixo de uma forma especial na Europa Ocidental, exatamente na época em que o continente era uma das áreas mais evangelizadas do mundo e donde os missionários partiam para anunciar o evangelho a novos continentes que estavam sendo descobertos. A Renascença exaltou a pessoa humana como indivíduo, especialmente em sua autonomia e racionalidade, enquanto a Reforma dividia a Igreja, esfacelando a comunidade cristã em inumeráveis seitas. Nas tensões que se seguiram, a Igreja incompreensivelmente tomou uma atitude defensiva. Ela se contentou em se preservar e se proteger. Sua teologia tornou-se incrivelmente polêmica. Suas estruturas foram canonizadas. A imagem era a rocha de Pedro, batida de todos os lados, porém, segura e indefectível, infalível. Não há dúvida, é uma imagem perfeitamente legítima. A Igreja é infalível e está construída sobre a rocha de Pedro.

Mas outros aspectos existem de sua realidade humana e divina que são igualmente verdadeiros. Ela é o sacramento universal de salvação, por exemplo, o corpo de Cristo, o Povo de Deus. Estas imagens refletem sua relação com a humanidade de uma maneira diferente. São aspectos mais abertos que sugerem vida e movimento; aspectos mais conformes à missão e aos cuidados para com o povo, sua relação com o mundo. Pela ausência destes aspectos ou pelo insuficiente relevo deles, nos quatro séculos que se segui-

ram à Reforma, a Igreja parece que se ausentou do mundo de tal maneira que os grandes movimentos que moldaram nossa situação presente nasceram e se desenvolveram sem ela. Ela selecionou apenas o que creu referir-se à religião no sentido mais estrito do termo: o trabalho de seus missionários na Ásia e na América no século XVI e na África no século XIX. Ficou assim fora das grandes realizações históricas. Por esta razão, a evangelização pouco ou nada influenciou sobre o nacionalismo, o liberalismo, o colonialismo, a industrialização, o socialismo, o mundo dos grandes negócios, a revolução marxista, nem sobre as mais recentes forças políticas, econômicas, sociais que moldaram o mundo. O resultado foi uma situação dicotomizada tão marcante como aquela do tempo de Paulo, com uma diferença: tivemos na Idade Média uma espécie de cristandade que evidentemente não era uma resposta plena ao desafio da difusão da mensagem de Cristo.

Temos de começar de novo e começar do ponto onde a Igreja com muita pena, confusão e dificuldade, começa a mudar sua própria posição. Temos de reconhecer de novo, com ela, que o mandato de Cristo é ir, ensinar, ser testemunha. Aceitando o sofrimento que requer pregar Cristo crucificado e o desconforto de sentir o agulhão do Espírito Santo que impele a sair de nossa acomodação e de nossa família, temos de aceitar novamente o desafio da palavra de Deus. Como um Padre Sinodal sublinhou: novamente temos de ser pescadores de homens e não apenas guardiães do aquário!

Quando olhamos para a situação de fronteira, descobrimos que há muito no mundo de hoje, mesmo naquilo que parece oposto ao evangelho, que pode ser uma predisposição para a evangelização. O fenômeno da secularização, que é mais ou menos universal no Ocidente e que preferencialmente progrediu mais rapidamente nos países influenciados por uma visão cristã do mundo, o fenômeno da secularização trouxe para o homem um medo profundo da mudança e do domínio das forças da natureza e o fez mais responsável pela sua existência e pelo seu futuro. Ele tem de construir o seu mundo. Bonhöffer afirma: "O homem se tornou adulto." O fenômeno da solidariedade, precipitado pela comunicação instantânea e pela crise da energia e do petróleo, tornou os povos mais conscientes de que são membros uns dos outros, mesmo num sentido secular. O fenômeno da pluralidade nos conscientiza de que a solidariedade não diminui a diversidade. Os países que emergem de um passado colonial, por exemplo, asseveram que sua identidade cultural é um complemento necessário à independência política, econômica e social. Em todo este desenvolvimento há elementos negativos e positivos. Ninguém nega o materialismo, a manipulação, a violência, a corrupção e a auto-exploração em todos os níveis, do individual ao internacional, e que são parte do pecado de nosso tempo. Ao mesmo tempo, o estímulo para uma responsabilidade pessoal, o sentido da comunidade e da necessidade do outro, o respeito pela personalidade de cada um são elementos que apontam favoravelmen-

te para a receptividade do anúncio do evangelho. Tais elementos são reflexo da busca atual de liberdade e de sentido, de luta pela justiça, de desejo da paz.

É importante recordar ainda a ação predispositiva do Espírito Santo em tudo isto, se queremos empreender uma ação evangelizadora no mundo de hoje com alguma confiança. A Igreja é certamente uma minoria, ou rapidamente o será, em muitas partes do mundo. Causa verdadeiro impacto pensar que 800 milhões de pessoas na China, 550 milhões das 560 da Índia e dezenas de milhões na URSS ainda estão por ouvir falar de Cristo pela primeira vez. Há uma geração nos países da Cortina de Ferro que precisa ainda de evangelização. Na África, apesar de ter havido uma extraordinária expansão do cristianismo, talvez a maior de qualquer continente em qualquer período da história, há ainda 263 tribos que não foram evangelizadas.

Uma das dificuldades da Igreja nesta situação de crescente diáspora é a confusão e a tensão dentro de si mesma. As intervenções dos Padres Sinodais sublinharam muitas de nossas limitações e de nossa pobreza como Igreja: o fracasso em sustentar os valores genuinamente cristãos, a fraqueza na premente necessidade de partilhar o evangelho, a lentidão em mudar estruturas que sustentam injustiças, a ausência de nitidez em áreas onde seria indispensável necessidade, a identificação implícita ou explícita com o poder, com o bem ou com uma cultura particular. Tudo isto afeta nossa possibilidade de difundir o evangelho. Somos for-

çados à conversão pelo reconhecimento de nossa inabilidade em realizar esta missão sozinhos num momento em que estamos nos despertando para a magnitude e a urgência desta tarefa hoje.

O paradoxo no qual nos encontramos é perene. É um aspecto da dependência cristã do Senhor. "Sem mim nada podeis fazer." É exigência inadiável da confiança nele. "Posso tudo naquele que me conforta." Em qualquer época, concretamente, reconhecemos a necessidade da salvação e da ação do Espírito Santo como ainda a necessidade de uma resposta efetiva a sua palavra e a sua ação.

Isto significa uma interiorização e uma apropriação da fraqueza da paixão e da força da ressurreição. A reconciliação precisa acontecer primeiro em cada um de nós como uma acolhida pessoal a Cristo em nosso mundo, um real ato de evangelização. A partir de então podemos partilhar com os outros. Não há coincidência na providência de Deus que convoca um Ano Santo de reconciliação tão próximo do Sínodo sobre a evangelização? Um é condição para a outra. Ambos são endereçados a todo o povo de Deus. É toda a Igreja que precisa de reconciliação e de conversão, é toda a Igreja também que está em missão. A Igreja existe para ser missionária como o fogo existe para queimar. Ela aprofunda sua fé quando a reparte. Todos nós que fomos batizados somos chamados para isto. Pela nossa incorporação a Cristo, trabalhadores e donas de casa, líderes e liderados, hippies, estrelas de cinema, sacerdotes, cardeais, religio-

sas... nossa responsabilidade cristã é tornar o mundo cada vez mais atento e mais efetivamente movido por isto.

A pergunta mais angustiante é: Como? Como pode esta motivação concretizar-se e nos urgir como cristãos a assumir a responsabilidade de anunciar o evangelho com um entusiasmo próprio de Deus? Como pode ser entabulado o necessário diálogo? Como pode a Igreja providenciar os necessários ministros para preparar e acompanhar a evangelização? Como desenvolver as estruturas que criarão iniciativas locais dentro da unidade de toda a Igreja? Como unir a questão da libertação humana com a salvação em Jesus Cristo? Como nos unir num mesmo projeto com nossos irmãos cristãos de outras denominações? Como atingir a juventude de hoje? Os católicos não praticantes? Os praticantes de domingo, cujas vidas de segunda a sábado, em boa fé, violam os valores evangélicos da justiça, da reconciliação, da paz? Como atingir o mundo do trabalho?

Não há respostas fáceis e feitas para estas questões. Afinal, nós como religiosas, mulheres comprometidas, tanto pela nossa consagração como pelo nosso batismo, somos chamadas a viver positivamente com estas questões e a tentar explicitar respostas dentro de nossa capacidade. Qual a nossa parte, concretamente, no presente despertar da Igreja para a necessária evangelização do mundo de hoje?

3. O papel da religiosa na evangelização do mundo de hoje

Somos membros de congregações apostólicas. Temos parte na evangelização do mundo precisamente porque nossa vocação é para a missão. Pelo batismo e pela confirmação partilhamos com os cristãos todos deste dom do Espírito que urge, não apenas a preservação da fé, mas ainda a sua proclamação e disseminação. Fomos convocadas para manifestar e desenvolver este dom de maneira especial. O Cristo que nos chamou é o Cristo que foi enviado pelo Pai no poder do Espírito para construir o reino de Deus no mundo, levar a boa nova aos pobres, dar liberdade aos cativos, dar vista aos cegos, trazer a reconciliação e a abundância da vida. Nesta missão ele enviou seus apóstolos, no poder do mesmo Espírito, para continuar sua própria tarefa e testemunhá-lo em Jerusalém, na Samaria e até os confins do mundo. Tão completa e total foi a dedicação dos apóstolos à tarefa de Cristo, que este é o único fato que sabemos a respeito deles. A pesca para Pedro, a tecelagem para Paulo, a medicina para Lucas, o máximo que podem ter sido para eles, foi uma boa ocasião de contatos apostólicos. Mas o que dominou a vida destes apóstolos foi a própria missão.

Nós religiosas, pela resposta a Cristo em nossa consagração, aceitamos também a missão, de maneira que ela deva ser o elemento dominante em nossas vidas. Dedicamo-nos a difundir o evangelho. Em comunidade com outros que sentem o mesmo chamado e a mesma meta,

comprometemo-nos a uma vida de oração, de simplicidade, de celibato por amor e de serviço comum, porque cremos ser este o caminho no qual o Senhor nos quer para levar a boa nova aos outros, aos não-cristãos, ao mundo todo. Como Pedro, como Paulo, como Lucas, temos também nossas ocasiões evangélicas próprias. Como eles, também sabemos que o evangelho é mais do que o contexto onde é apresentado, e a consagração (ela própria uma pública expressão de valores evangélicos) mais do que as tarefas e os serviços que inspira.

Entretanto, a apreciação da vocação religiosa apostólica para a mulher como um valor para a Igreja foi esquecida por muito tempo. Precisamente porque a evangelização ativa envolve liberdade de movimento e oportunidades de contatos, não se tomou como uma possibilidade séria e válida para mulheres religiosas e se sublinhou, pelo contrário, a vida consagrada em termos de clausura. As tentativas de Ângela Mérici, por exemplo, para dar às suas religiosas nova expressão no serviço evangélico para seu testemunho de consagração a Cristo na missão, terminaram cada vez na frustração. A visão de algumas fundadoras do século XIX, sensíveis às necessidades de seus tempos e às novas situações criadas pela industrialização, nacionalização e expansão colonial, foram apenas parcialmente concretizadas. Assim a experiência da religiosa que sentiu que sua vocação era estar com o Senhor no meio de seu povo ou, como Paulo VI disse aos membros da Diretoria da UISG, há dois anos, "ser um evangelho ao vivo", foi descolo-

rida por algumas distorções e defecções. A religiosa regrediu na sua consagração ou hesitou dar-lhe aquela feição e expressão que eram exigidas; ou assoberbada por uma multidão de trabalhos não pôde propriamente viver sua vida consagrada. O esforço para equilibrar as duas fases é evidente em muitos livros espirituais da primeira metade do século XX.

A problemática mudou, entretanto, quando o Concílio Vaticano II mandou que todos os religiosos renovassem suas vidas à luz do evangelho e do espírito dos fundadores, conforme seus tempos. Isto, com referência a nós religiosas, trouxe a verdadeira razão de nossa consagração. Refletimos novamente sobre nossas melhores tradições como expressão de nossa consagração. Isto sublinhou o traço de união entre consagração e evangelho e nos obrigou a assumir a responsabilidade frente ao evangelho em nosso mundo contemporâneo. Ao mesmo tempo, implicou liberdade, tornada explícita na *Ecclesiae Sanctae*, ao exigir mudanças que fossem necessárias, na vida e no serviço, se esta visão renovada das coisas o exigisse para se concretizar.

Dez anos depois do Vaticano II, a convocação da Igreja para a Evangelização é uma feliz recordação de que a renovação da vida religiosa está se realizando. Se, em resposta a uma ordem direta do Concílio, tentamos repristinar a vida religiosa, embora isto signifique um período de busca, sofrimento e confusão, estamos basicamente numa linha de que a palavra de Deus pode ser mais bem ouvida. Tentamos discerni-la

mais claramente em nós mesmas e ser mais efetivas em participar dela com os outros. Ninguém de nós ousaria regredir dez anos sem a consciência de que estaria errando. Nosso fogo e nosso entusiasmo muita vez deram mais calor do que luz. Nosso processo de aprender pela experiência e experimentando nos envolveu, freqüentes vezes, em recuos e ocasionalmente em erros. Ainda não concluímos. Mas nesta experiência, humilhante como é, parece haver uma palavra de Deus que nos prepara para o projeto da evangelização que realmente consiste nisto: obra de Deus, não nossa; verdadeira razão de nosso ser como religiosa apostólica. Renovação não por nosso próprio amor mas por amor ao evangelho. Pela sua extensão, teremos capacidade para viver o evangelho mais genuinamente, para participar da missão da Igreja mais plenamente, para ler nosso tempo com mais realismo, para conseguir, afinal, as metas da evangelização.

Se nos perguntamos: como podem as religiosas, neste tempo de renovação, promover melhor a evangelização, sugeriria em linhas gerais, três respostas: 1.^a) Reconhecer os sinais dos tempos para nós como mulheres. 2.^a) Renovar nosso compromisso com o evangelho em nossa vida. 3.^a) Servir à causa da evangelização em nossas obras de tal maneira que o evangelho seja sempre a prioridade primeira em nossas opções, decisões e serviços.

A. Reconhecer os sinais dos tempos para nós mulheres

Os sinais dos tempos para nós se revelam especialmente na conver-

gência de vários caminhos: 1) A responsabilidade histórica na mulher religiosa pela saúde, pela educação e pelos serviços de bem-estar está sendo cada vez mais assumida de maneira plena pelo Estado moderno. 2) A diminuição dos sacerdotes e a multiplicação das necessidades e oportunidades criam uma demanda constantemente crescente de religiosas em tarefas de evangelização direta, exatamente quando as religiosas, como parte do Povo de Deus, tornam-se mais conscientes de sua responsabilidade numa ativa difusão do evangelho. 3) A renovação pedida pelo Vaticano II e, em particular, as normas dadas para esta renovação e a responsabilidade deixada a cada congregação, abriram caminhos novos para as religiosas que já eram consagradas exatamente à missão. Hoje podem avaliar mais detalhadamente do que as gerações precedentes, uma evangelização direta, seja de fronteira, seja pastoral. 4) As mesmas religiosas, como resultado do grande esforço na formação nos anos 50 e 60, estão provavelmente mais bem preparadas para uma evangelização direta do que em qualquer outro período de tempo da história da Igreja. Tomadas no contexto das reflexões e dos estudos da Igreja a respeito do papel da mulher e da convocação de todos os cristãos para uma colaboração ativa no trabalho de evangelização, olhamos com curiosidade e surpresa para nossa vida e nosso serviço, não de maneira narcisística, mas como veículo do evangelho hoje. A ordem é ir, ensinar, testemunhar levando o evangelho a toda criatura. Na perspectiva do que acabamos de expor a respeito do mundo que pre-

cisa do evangelho, que impacto estas mudanças de nosso tempo causaram em nosso trabalho e na vida de nossas congregações?

B. Renovação de nosso compromisso frente ao evangelho

Uma das primeiras coisas que os Padres Sinodais enfatizaram a respeito da compreensão que tinham do trabalho de evangelização foi que, eles próprios deveriam ser pessoas de oração e de fé. Sem fé não há evangelização e a oração é indispensável para uma autêntica difusão do evangelho porque só ela garante a origem divina deste trabalho. A oração em si mesma é ato radical de evangelização. Cada cristão rezando ao Pai, mesmo no maior segredo como nos manda o Senhor, dá testemunho. Eis porque o velho, o doente, a empregada, a criança, o preso podem ser excelentes evangelizadores. Eles podem possuir a central de energia do evangelho. Eis porque também o atual movimento de oração mais pessoal e mais profunda em muitas comunidades religiosas é mais um sinal patente de renovado interesse espiritual. Em si é um movimento de evangelização. Ele aprofunda a palavra de Deus em muitos, leva a experiência de Cristo, testemunha valores cristãos e especialmente a fé, desperta a religiosa a partilhar seus frutos com os outros. Quando meditamos a palavra de Deus, quando participamos da liturgia, quando rezamos em silêncio diante de Deus, não apenas nos preparamos individualmente como evangelizadores, mas estamos concretamente evangelizando como se estivéssemos anunciando a boa nova. O apostolado da oração em

qualquer de suas formas e, entre elas a oração em grupos, como retiros em casas de oração, é uma das mais excelentes formas modernas de evangelização. É o nosso desafio para a contemplação e a conversão.

A renovação pela oração à luz do evangelho levará a uma renovação de vida tão difícil de alcançar numa sociedade de consumo e, no entanto, tão necessária ainda, pois o Verbo que tenta falar por nosso meio, deve ser ouvido. Se existimos para evangelizar, nossas palavras e nossa vida devem ser coerentes. Isto significa viver livres da necessidade de consumo e do desejo da posse, livres frente aos padrões de vida desta sociedade de consumo, usando nossos recursos mais para os outros do que para nós mesmos. Como Bárbara Ward recordava há dois anos, precisamos ser "daquelas que levam maior contribuição à sociedade do que dela extraem para fruir". Face ao testemunho de pobreza e de fome do mundo de hoje, temos de fazer da simplicidade da vida uma realidade. O que dizem nossas vidas a respeito do amor recíproco, da unidade, da simplicidade, do relacionamento, da partilha, da justiça, da verdade?

Um dos meios pelos quais as religiosas tentam viver estes valores de maneira profunda são as Pequenas Comunidades, inseridas no meio onde servem. Do ponto-de-vista da evangelização, o tamanho da comunidade e o modo de sua inserção são aspectos de relativa importância. Estas comunidades básicas podem tornar-se importantes em razão do estilo de viver o evangelho em situações onde, de outra maneira, di-

facilmente ele teria influência: áreas rurais de população pouco densa onde a chance de reunir os cristãos é muito pequena; multidões anônimas e sem face das grandes concentrações urbanas, com suas pressões e solidão próprias; o mundo animista e muçulmano.

As Pequenas Comunidades podem ainda ser importantes do ponto-de-vista do diálogo. Quando a necessidade de se comprometer é muito séria e empenhativa, as Pequenas Comunidades se tornam lugares onde os não-comprometidos se sentem em casa e, quando isto acontece, a evangelização se dá numa área misteriosa onde o Espírito Santo opera fora da Igreja visível. Os limites da Igreja tornam-se uma área de reunião e não uma parede de separação. Tal apostolado, entretanto, e o consciente esforço para trabalhar fora dos limites cristãos, para estar abertos ao serviço em colaboração com qualquer pessoa de boa vontade, partilhar a vida, estar especialmente em contato com os pobres e os marginalizados exigem constantemente novas comunidades de base. Elas exigem flexibilidade a toda prova se quiserem ser elementos catalizadores para a libertação das pessoas no melhor sentido cristão do termo.

Qualquer que seja o tamanho e a situação da comunidade, pela qualidade mesma da vida comunitária, podemos testemunhar o evangelho porque, como diz o mesmo Senhor, é pelo mesmo ser cristão que o mundo crerá que o Pai o enviou. Um dos primeiros sinais de uma verdadeira comunidade cristã é a alegria. O reino de Deus é alegria no Espírito Santo. Será isto que fez santos

alegres como Felipe Neri, Francisco, Teresa terem tamanha influência? Se a alegria do Senhor se tornar mais evidente em nossas vidas e se nos dedicamos com toda simplicidade à grande tarefa que ele nos confia, isto não mudaria a presente imagem pouco feliz da Igreja? Muito bem afirmou um dos participantes do Sínodo: "É porque amo esta Igreja santa e católica e é pelo meu ideal missionário, que pleiteio uma Igreja mais visivelmente evangélica, mais simples, mais livre, mais fraterna, uma Igreja que sorri, dialoga, é tolerante; uma Igreja que sabe se envolver com fatos muito mais do que com palavras, numa contínua luta pela justiça e pela dignidade do homem; uma Igreja, afinal, que não precisa de grandes discursos e explicações para ser sentida e vista por todos. Uma Igreja como Cristo a quis e todos desejamos de coração. Uma Igreja de verdade." Somos a Igreja. Reconhecemos esta descrição em nós mesmos?

C. Servir à causa da evangelização em nossas obras

Não há dúvida de que originariamente, na mente de nossas fundadoras, seja qual for a obra que pretendessem desenvolver, o ideal seria difundir o evangelho. Evangelizar seria a prioridade. As iniciativas práticas seriam os vários meios de realizá-lo. Santa Júlia Billiart, uma fundadora que conheço bem, queria partilhar sua alegria pela bondade de Deus, com todo o mundo, com aqueles que o conheciam e com aqueles que o ignoravam. Ela entendia possível esta partilha principalmente por um serviço de relaciona-

mento pessoal que ajudaria a todos a crescer para uma plena responsabilidade como pessoas humanas, filhos de um mesmo Pai em Cristo. Isto era educação para ela. Para conseguir isto nos últimos anos do século XIX, estruturou várias modalidades de instrução, abriu escolas, treinou professoras, organizou grupos de trabalho, tudo muito simplesmente, e se esforçou por impregnar todo empreendimento com um senso de necessidade apostólica e alegria que permaneceu por gerações e gerações após ela.

Em tom acadêmico, mas com grande espontaneidade, teve a satisfação de ouvir de uma jovem professora que se dirigia para uma sala de aula, esta pronta resposta a sua pergunta: "Para onde você está indo?" "Salvar almas." Fica, é claro, a dúvida, será que ambas se tivessem previsto o dia em que um tempo imenso e uma energia enorme seriam exigidos num compromisso educacional competitivo, excluindo assim uma atenção prioritária à evangelização direta, será que não teriam arrefecido em seu entusiasmo? O fato, porém, deixa intocável a afirmação: como em outras fundadoras, as prioridades de Júlia foram claras. A educação formal seria para o desenvolvimento da pessoa, para o desenvolvimento do filho de Deus e assim pudesse conhecer a bondade de Deus e atingir aquela vida que Cristo dá no Pai pelo Espírito Santo.

Com o passar dos anos, demandas profissionais enormes, padrões e exigências maiores, competição do Estado, tudo impôs pesado ônus à educação formal, parte do ideal de evangelização de Santa Júlia. O mesmo

acontece com outras obras de outras congregações quando se relacionaram com a evangelização. A atenção se voltou para o mundo do trabalho. Muitas das congregações de mulheres, dos séculos XIX e XX, nasceram orientadas para o trabalho, ligadas a uma ética social que valorizava o povo, a produção, os empreendimentos fabris. O resultado é este: hoje estes trabalhos são assumidos pelo Estado, como no Canadá; ou estas atividades se tornaram impossíveis, como na Europa Oriental; ou insustentáveis pelo diminuto número de membros, como na maior parte do mundo; ou se tornou uma meta incrivelmente competitiva pelo desenvolvimento econômico e social. São algumas questões que tocam a raiz da evangelização. Para onde se dirigem nossos trabalhos e nossas atividades? Qual seria a nossa resposta presente à pergunta de Santa Júlia, para onde está indo você? Qual a relação entre as nossas obras como elas são hoje e a evangelização?

Nossa resposta não pode vir pronta nem rápida como daquela jovem professora que se dirigia à sala de aula. A resposta diz respeito, ao menos, a cinco áreas complexas: motivação, direção de pessoas, escolha política, encarnação na cultura, percepção do momento.

Motivação. A opinião de que a Igreja Ocidental dá ares de cansada e que ela precisa voltar com urgência ao impulso da evangelização foi expressa veementemente por alguns Padres no Sínodo. A motivação, por exemplo, se reflete na resposta a esta

pergunta: Quantas pessoas vocês têm na sua paróquia? Na sua diocese? Se a resposta coincidir com o número de católicos batizados, isto significa que a responsabilidade do pároco e do bispo está voltada ao conhecimento dos membros da Igreja e que eles se preocupam em servi-los com o melhor de suas habilidades. Se, entretanto, a resposta considera o número total de pessoas que vivem nos limites da paróquia ou diocese, isto sugere um senso de missão que, no mínimo, reconhece alguma responsabilidade pela evangelização daqueles que não são reconhecidos como membros da Igreja. Esta pergunta pode ser aplicada, com as devidas modificações, à qualquer das obras de que somos responsáveis, seja comunitariamente, seja em pequenos grupos; estejamos nos países do primeiro, segundo ou terceiro mundo. Como são nossas obras em si mesmas? Onde estão? Como elas expressam nosso senso de responsabilidade na evangelização?

Gostaria de deixar bem claro este ponto. Embora esteja raciocinando ao redor de obras (seja as de minha própria Congregação ou as obras da Congregação de qualquer uma de vocês), não estou questionando a necessidade das obras apostólicas nem a natureza de qualquer uma delas. Apenas me refiro à intimidade e visibilidade entre obras e evangelização. Se uma obra não mantém este relacionamento, nem esta visibilidade dificilmente poderá ser justificada. E se mantiver, poderia ainda ser testada com vários outros itens. O ponto central seria: como nos identificamos com a necessidade de partilhar Jesus Cristo? Como se expressa esta partilha em nossas obras?

Direção das pessoas. Um dos modos pelos quais se expressa um motivo evangélico é a primazia que se dá à pessoa e ao desenvolvimento pleno de sua personalidade nas obras e através das obras. O respeito pela pessoa em sua dignidade humana é, portanto, fundamental para qualquer referência com a evangelização. O desenvolvimento da pessoa vem de dentro para fora. Os desafios do evangelho a partir deste ponto, urgindo cada uma na sua realidade de situação concreta a dar um passo na direção de uma consciência mais plena e de uma personalidade mais completa, obriga a pessoa, em cada opção, a se aproximar mais plenamente da maturidade de Cristo. Algumas de nossas estruturas e de nossos métodos respeitam e encorajam este processo de transformação pessoal. Esta é uma conclusão conceitual, mas na prática, meu Deus! Lembremo-nos, como lembrava Madre Teresa, de Calcutá, que Cristo no seu pobre, no seu doente, no ignorante, no oprimido, não é uma causa ou um caso, mas um mistério, uma pessoa a quem adoramos e amamos enquanto servimos. Nossos doentes são casos ou são pessoas? É a criança ou o resultado de um exame que interessa? Conhecemos, tanto quanto possível, pelo nome no sentido bíblico, todos aqueles que estão relacionados com nossa responsabilidade? Em situações difíceis são as pessoas ou as estruturas que consideramos? Reconhecemos que as estruturas estão a serviço do bem comum das pessoas?

●

Opções políticas. Muitas congregações se envolveram com as mudanças políticas durante os primeiros anos da década de setenta e nisto tiveram uma busca e uma experiência dolorosa. Nestes momentos o sentido de seguir a Cristo crucificado e anunciá-lo pela própria experiência e opção, torna-se uma maneira nova de participar do mistério pascal. O que determina nossas opções nestes momentos? Conservar uma obra bem estabelecida numa área de conforto ou assumir o risco em outra menos estável e de possível sofrimento; destinar ou não, uma irmã qualificada, experimentada e bem assalariada para uma missão gratuita mas que somente ela pode realizar e é obra eminentemente apostólica; permanecer numa situação, desfazer-se dela porque a injustiça social é explícita; capacitar ou não mais religiosas para trabalhar com os pobres e os marginalizados; apoiar ou não as irmãs que, com toda sinceridade, abrem caminhos em nome do evangelho, o que provavelmente jamais o faríamos. . . são todas pequenas opções nas quais evangelizamos ou não pela nossa ação. Não há solução única para todas as situações. Daí precisamente a razão pela qual a maioria de nossas opções tende a forjar uma política explícita ou não. Também Jesus Cristo tendeu a contrariar o povo pelas suas opções: o jovem rico, a vocação dos apóstolos, o que você acha que eu sou? Ele não quis dar uma evasão como não o quer até hoje. Optar hoje à luz do evangelho

e assumir a variedade das consequências que podem seguir a estas decisões, pode ser um verdadeiro testemunho evangélico. Neste contexto é muito importante lembrar que não optar já é uma grande opção em si mesma.

●

Encarnação na cultura. — Onde nossas opções estão num contexto de uma situação cultural específica, deve-se acrescentar uma outra dimensão. Nada se revelou no Sínodo, num colorido e numa energia tão fortes, como as Igrejas Locais. É verdade que ninguém estava absolutamente seguro do que significava Igreja Local, mas havia um consenso geral de que seria uma Igreja indígena, inserida na cultura a que pertencia. Na África, na Ásia e na América Latina pós-colonial isto é por demais evidente. Mas há cultura dentro de cultura como, por exemplo, nos Estados Unidos. Quando o conceito é levado até suas últimas raízes, torna-se uma expressão de pluriformidade e não pode haver identidade unívoca. Isto é um aspecto da variedade inexaurível de Deus criador e uma chance para todas as criaturas que ainda não conseguiram se alegrar com esta variedade da criação. O desafio aos missionários que trabalham em cultura diferente da sua de origem, sem ser opressivos nem maternalistas, nem impor a sua própria cultura e seus padrões, no esforço de servir é, em si mesmo, uma forma impressionante do desafio que educadores encontram na tentativa de ajudar a criança a se desenvolver conforme suas próprias capacidades; ou o desafio que as irmãs

da comunidade enfrentam pelo fato de serem diferentes umas das outras. Em comunidades internacionais é mais evidente mas, em maior ou menor extensão, este desafio está em todos os pequenos grupos. Qual a nossa fé no evangelho para reconhecer e se alegrar com a pluriformidade? O que pode fazer a palavra de Deus para guiar nossos esforços de aculturação? Para o reconhecimento e o respeito a outras culturas?



Percepção do momento. Uma das coisas maravilhosas a respeito do Espírito Santo é que ele abre nossos ouvidos para ouvir e nossos olhos para ver. Edgar Elgar, quando alguém lhe perguntou como encontrava suas melodias, abriu os braços e exclamou: "Elas estão por aí no ar. O espaço está cheio delas. O que tenho a fazer é tirar aquelas de minha preferência." Provavelmente as melodias aí estão para todos. Só há uma exigência: estar ligado, atento. Estar ligado e atento é um dom da sensibilidade e da vigilância. Em outro nível de comparação: todos os programas de TV estão aí ao nosso redor, rondando nosso aparelho de televisão. Mas jamais nos atingirão se não estiver ligado o aparelho no canal certo. É preciso uma ligação para trazer estes programas até nós. É algo de parecido a esta ligação que nos faz repentinamente familiares com alguém desde o primeiro momento. Há uma espécie de comunicação. Esta comunicação ao nível do Espírito Santo é talvez o que São Paulo tinha em mente quando observava que o homem espiritual e o não espiritual vêem a mesma coisa

mas de maneira completamente diferente.

Se você está efetivamente envolvido na obra da evangelização precisa desta vigilância e desta atenção que só o Espírito Santo dá. É isto exatamente que nos capacita a perceber as oportunidades e com seu auxílio, captá-las, naquelas áreas onde as necessidades são maiores hoje: juventude e serviço ao laicato. Admitindo que realmente há muito a se dizer a respeito do apostolado de igual para igual (juventude como juventude, criança como criança, mulher como mulher, etc.) sublinharia para o futuro próximo a grande necessidade de animação para os grupos de jovens e de leigos adultos. Nisto as religiosas poderão ter um papel insubstituível especialmente se adotarem o princípio quenótico indispensável para todos os que estão em missão: aqueles a quem sirvo devem crescer como Cristo precisa crescer neles. Eu, como João, preciso decrescer.

É neste contexto de percepção das oportunidades que aparece naturalmente a questão dos novos ministérios. Naturalmente não somos nós quem explicita novos ministérios, mas o Espírito Santo. De acordo com as necessidades do Povo de Deus que vão se evidenciando, o reconhecimento e a descoberta destas necessidades aumentam as demandas de religiosas para a evangelização direta. Isto parece evidente nos fatos atuais. O Sínodo releva o grande peso de responsabilidade na evangelização como tarefa de todo o Povo de Deus. Pelo batismo, pela confirmação e pela consagração religiosa as irmãs partilham desta respon-

sabilidade. Por isso, também há um movimento entre numerosas irmãs para se envolver na evangelização direta de preferência à indireta. Neste ponto, as necessidades do mundo são massivas.

Por fim, a diminuição das vocações sacerdotais chega no momento em que o desenvolvimento das obras apostólicas para religiosas torna maior número delas capacitadas para a evangelização direta. Quando se observam as comunidades de base da América Latina, as maiores paróquias de Roma, o modelo de pastoral da Jamaica, os hospitais dos Estados Unidos, as áreas rurais da Europa, os países da Cortina de Ferro, as áreas necessitadas da Índia, ou as Igrejas jovens da África, encontramos o mesmo acontecimento. Em qualquer parte do mundo, as irmãs estão exercendo praticamente todos os ministérios da Igreja, carente de padres ordenados. O campo de serviço é enorme e vasto: responsabilidade de paróquias, preparação para os sacramentos, liturgia da palavra, distribuição da comunhão, formação para a oração, catequese, visitas aos doentes, berçários, educação e envolvimento em múltiplas atividades de libertação do homem. Estes ministérios não ocorrem todos nas mesmas áreas e ao mesmo tempo, mas eles existem no mundo de hoje como parte da evangelização direta que as religiosas assumiram em resposta aos tempos e com as bênçãos da Igreja Local.

Como tentamos apontar oportunidades abertas para nós, provavelmente descobrimos que nossos esforços para viver, pregar e servir ao

evangelho estão marcadas por uma crescente percepção, ao menos, em duas áreas: uma descoberta de que aquilo que tentamos fazer envolve a libertação da pessoa humana na liberdade de Cristo e a descoberta de que a colaboração com outros cristãos é necessária, se a evangelização do mundo de hoje deve ser assinalada com o signo da unidade de Cristo. Verdadeira libertação, como insistem os bispos da América Latina, é a libertação da pessoa no poder de Cristo para que possa ser mais, mais ela mesma, mais segura de sua identidade humana como pessoa responsável, como filha do Pai no Filho pelo Espírito Santo. É diferente da promoção humana que capacita a pessoa a ter mais, de tal maneira que possa se desenvolver. A primeira dá ênfase à personalidade e ao espírito, embora não se possam desconhecer as condições materiais. A segunda enfatiza a posse e a independência, embora o espírito não possa ser excluído. Oportunidades para trabalhar na evangelização devem incluir uma ou ambas as ênfases. Nestas oportunidades que podem estar nos guetos da América do Norte ou nas favelas de Roma e do Brasil, as irmãs devem realizar praticamente tudo o que o Sínodo apontou aos sacerdotes em sua experiência pastoral.

Qual o liame entre libertação e evangelização? A resposta não pode ser encontrada unilateralmente. O testemunho fundamental das irmãs nestes variados ministérios, o resultado de sua honesta e fervorosa reflexão, são um elemento valioso no processo de discernimento da Igreja. Este elemento precisa ser avaliado pelos bispos, como pastores das

Igrejas Locais, de tal maneira que, em união com outros elementos, possa ajudar a toda a Igreja a ter um entendimento mais real a respeito do meio pelo qual a Palavra quer ser partilhada e ouvida. Elementos trazidos por outras pessoas, da hierarquia ou do laicato, cristãos de outras denominações, membros das religiões não cristãs, elementos dos próprios não-crentes, todo complemento que possa ser oferecido, levam nossa limitada experiência ambiental para uma verdade que se aproxima daquela verdade que é o próprio Cristo.

4. Conclusão

A urgência, em matéria de nosso compromisso como mulheres religiosas na tarefa da evangelização, seja direta ou indireta, brota deste fato que um maior número de pessoal qualificado e devidamente motivado é essencial hoje se a Igreja quiser aceitar o desafio massivo para realizar sua razão de ser: pregar o evangelho aos 3.645.829.000 homens e mulheres que habitam a Terra. Neste momento, quando o Santo Padre convoca todos os cristãos para avivar sua responsabilidade e seu entusiasmo no anúncio do evangelho, nós, mulheres consagradas, entendemos como uma convocação especial. Como maximizar nossa atividade evangélica? Concretamente, a resposta deve vir de cada congregação e deve ser também uma colaboração intercongregacional, de cada província, de cada comunidade, de cada irmã. Terá de ser uma resposta pessoal, individual e comunitária. Todos, cada um a seu modo, precisam se converter e se reeducar,

para crescer na visão, na motivação e no testemunho necessários para o evangelho ser pregado a todos.

Para algumas de nós, este crescimento deverá se realizar dentro das estruturas que temos atualmente. São religiosas que precisam de estruturas bem nítidas; outras, porém, talvez a maioria, esperam pela renovação das próprias instituições. Esta renovação oferece oportunidades para uma genuína evangelização e se conforma bem como uma ordem prática. Mas para um grande número de nós, que somos capazes e estamos querendo esta renovação, o desejo maior é a existência de modelos de vida mais flexíveis e mais livres para se tentar uma evangelização direta mais eficiente. Estas irmãs são um potencial que não pode ser subestimado nesta hora de necessidade para a Igreja. Certamente todas que estão pedindo uma evangelização direta estão secundando uma necessidade de auto-realização e de doação de si mesmas. As exigências do evangelho purificam os motivos pessoais. Há irmãs que, através de uma experiência purificadora de sofrimento e de crítica, de desentendimento e de frustração, chegarão a um novo nível de compromisso de vida que fará delas melhores evangelizadoras. Não se pode evangelizar sem a cruz.

NOTAS

1. Primeiro Documento de Trabalho, 1973, pág. 5, n.º 4.
2. Instrumentum Laboris, 1974, pág. 12, n.º 24.
3. 1 Cor 9, 16.

AS RELIGIOSAS E A HUMANIZAÇÃO

Irmã Francis Borgia Rothluebber

Geral das School Sisters of St. Francis

II Conferência Interamericana de Religiosos
Bogotá, Colômbia, outubro de 1974

Orientação

Há vários modos de pensar e conceitualizar a realidade de uma situação. O verbal e analítico é o mais comum, talvez mesmo o único usado, quase com exclusividade. Outras formas de conceitualização, como a metáfora, podem combinar bem as dimensões cognitiva e afetiva da realidade. As formas intuitivas e as formas inexpressíveis podem ser muito mais bem visualizadas por símbolos não verbais.

Os delegados norte-americanos a esta conferência, tendo experimentado em outras reuniões e assembleias algo da dinamicidade do modelo misto de experiência, reflexão e ação, optaram seguir este modelo nesta reflexão. A força de dois gu-

mes da Palavra de Deus, que purifica e concilia, levará esta experiência a uma conclusão verdadeira.

Por muitos anos no passado, as religiosas nos Estados Unidos procuraram uma resposta vivenciada para a questão que Paulo VI apresentara, como um impacto, no fim da carta às religiosas do mundo inteiro: "Como pode a mensagem do evangelho penetrar o mundo de hoje?" Participaram de muitas experiências e reuniões a respeito da justiça, das novas tarefas e missões da mulher, do poder não-violento das bem-aventuranças, da evangelização.

Continuaram no mesmo processo nas reuniões preparatórias a esta conferência. Nossa crescente consciência das dimensões sócio-políticas de nosso tempo, o impacto de nossa sociedade em toda a família huma-

na, nos levaram a focalizar a força desumanizadora e humanizadora do evangelho e do mundo.

Humanização

Nos dias que precederam ao Vaticano II, nossas atividades, o estilo de vida da Igreja, as decisões, a oração, revelaram freqüentemente uma teologia de dualidade: Igreja e mundo, sacramentos e experiência humana, sagrado e profano, graça e natureza. Uma das mais propaladas divisões ou dualidades foi a teologização de Deus abstraindo-se da experiência humana, a separação entre o sagrado e o profano.

Não é nosso objetivo traçar a passagem desta teologia de dualidades para uma teologia de integração que se refletiu nos documentos do Vaticano II, particularmente **A Igreja no Mundo Moderno** e acentuadamente **Populorum Progressio**.

A questão central da separação e da integração simultânea do divino e do humano está muito presente no momento. Uma categorização muito rígida do divino e do humano é destrutivo para o humano. Uma identificação absolutizada é também destrutivo do humano. A salvação não se identifica com o progresso humano; a missão da Igreja não se reduz a uma atividade sociológica ou política. O equilíbrio se dá por uma realização crescente e simultânea de ambas as partes. A Igreja "se identifica com o mundo expressando a dimensão da graça e do amor de Deus na realidade humana que constitui este mesmo mundo. É aqui, neste mundo, que se dá a salvação que vem de Deus que ama todos os

homens. A salvação está no coração da humanidade, na vastidão da história humana porque o amor vivificador do Espírito de Cristo continua agindo".

Criação, Êxodo e Pentecostes são fases de um evento continuado de uma experiência genérica. Diariamente, na vida de cada homem, abstraindo-se de ser ele célula de um grupo social, há um chamado para participar da vida, para escolher a vida, para buscar a unidade na justiça e na paz que aceita e enriquece a maravilhosa diversidade humana. Que todos possam ser um é possível porque não apenas fomos chamados para conhecer mais claramente o desejo de Deus para com a pessoa humana e para com a família humana em Jesus Cristo, mas sobretudo porque esta mesma família humana está fortalecida pelo Espírito de Jesus, chamada como está para com-criar esta unidade. A vida humana é uma vida gratificada. A realização plena do humano se dá no divino.

O dom da existência humana é um convite para uma vida maior, para uma vida mais plenamente humana. Conservar vivo e autêntico este chamamento e ajudar a família humana a corresponder a esta vocação é a missão da Igreja. É admissível que a Igreja não tenha cumprido esta missão sempre com plena satisfação e discernimento.

A necessidade mais premente dentro de nós e fora de nós hoje é integrar a luta por uma humanização maior da vida e da ação da Igreja. As passagens já indicadas, artigos 15-21 da **Populorum Progressio**, sublinham a questão: o que é humano fora de nós.

O que é ser humano? O que é ser homem? É participar da experiência de **ser mais** plenamente homem. Para ter esta possibilidade, o indivíduo, a família e a sociedade precisam de subsistência, de alimento, de moradia, de saúde que capacitam o homem a se desenvolver com dignidade e coragem. Participar desta ação de se tornar mais plenamente homem, exige ter acesso à educação, crescer no entendimento e na compreensão, participar na criação de uma cultura que expresse a dignidade humana. Tornar-se mais plenamente homem é participar da vida, é corresponder à dignidade dos outros, é reverenciar os outros e ser uma presença amiga na comunidade e na família. Ser homem é poder escolher numa atmosfera de liberdade o que mais define e identifica uma pessoa. Ser mais homem é estar comprometido com o crescimento humano dos outros. É, portanto, correr o risco, viver em conflito, sofrer e amar. É, acima de tudo, buscar energia e sentido na fé, na amizade, participar da vida de Jesus Cristo, unir-se àqueles que crêem e juntos continuar com Ele, Jesus Cristo, seu ministério de reconciliação.

A credibilidade da Igreja em nosso tempo está diretamente ligada a seu envolvimento no processo de humanização. A humanidade pode ser desumanizada por muito pouco, como pode ser desumanizada também por coisas imensas. Geralmente há um liame entre estes extremos. Quando todos nós, que somos Igreja, estivermos embalados para uma crescente humanização de todos, o coração da Igreja, se este coração pulsar com o coração de Cristo, estará com os pobres.

O processo de desumanização e de humanização

Nossas reflexões e estudos revelaram que o mundo, a vida e o contexto da família humana, é um conjunto de contrastes e de contradições: a tecnologia que poderia prover casa e comida para a família humana está empenhada num sistema econômico que se baseia na criação de necessidades e de misérias; o transporte supersônico está acoplado com sistemas inadequados de expedição; desenvolvimento científico capaz de erradicar catástrofes e desenvolvimento científico que provê automaticamente a estoques de bombas; sistemas de comunicação sofisticados e crescente alienação e analfabetismo.

A dimensão global da desumanização é hoje objeto de análise não muito otimista. Em nossa sociedade, toda a desumanização está velada por estruturas e instituições, por complexos econômicos e sistemas legais. O que não se pode encobrir se desconhece. Muitos editoriais e comentários sublinharam que 4% do ozônio da estratosfera (a camada protetora contra os efeitos destrutivos dos raios ultravioletas) foram destruídos pelos testes nucleares e concluíam com esta observação: "Hoje não temos nem uma filosofia nem instituições capazes de lutar contra os crimes de lesa-humanidade."

As possibilidades globais de humanização podem ser calculadas hoje como oportunidades. "Como pode a mensagem do evangelho penetrar este mundo?" Como pode a Igreja

cumprir sua missão hoje? Como podemos, então, interiorizar, sensibilizar para a força do amor de Cristo, se este amor não pode mais crepitar em nosso tempo? Como podemos testemunhar, estudar, organizar, estruturar, recriar estruturas e instituições?

Nossa própria humanização está em crise. Como encontrar Deus nesta situação humana? Podemos nos apropriar de nosso tempo? Podemos estar eficazmente presentes cada vez mais nesta realidade? Podemos aceitar o chamamento para a conversão, a **metânoia** que cresce com o testemunho? Podemos escolher, assumir responsabilidades e relacionamento com estes sistemas? Estamos dispostos a nos compromissar com uma comunidade de pessoas livres? Estamos dispostos a experimentar "a morte do grão de trigo" e a mistura da alegria e do sofrimento e sentir que isto é uma vida humana plena?

Processo

A vida religiosa apostólica para mulheres nos Estados Unidos se enraizou e se expandiu durante o século XIX. Embora haja algumas fundações nativas importantes, estas fundações refletiram e se moldaram pela expressão da vida religiosa como se desenvolveu na Europa e foi transferida para os Estados Unidos com os grupos pioneiros das primeiras religiosas que acompanharam os milhões de imigrantes naquele tempo. Com extraordinária generosidade, estas religiosas se devotaram completamente aos doentes, aos órfãos, aos necessitados, aos excepcionais. Elas respondem hoje parti-

cularmente pela vocação de mestras nas escolas católicas. Nestas décadas do século XX, as religiosas, com desinteresse e competência, dirigiram uma rede de escolas paroquiais, construíram e dirigiram escolas, colégios, hospitais das várias congregações.

O Concílio Vaticano II focalizou alguma coisa que nos Estados Unidos já era fermento incipiente para as religiosas. O crescimento institucionalizado da vida religiosa, a omissão da responsabilidade em moldar estruturas sociais, o respeito pelas instituições congregacionais, a ênfase dada aos regulamentos sobre o evangelho, o prestígio do status, o exclusivo respeito para com as normas católicas, todos estes aspectos estão sob observação. As experiências de vida religiosa estão sendo testadas por estudos de psicologia, de sociologia, e pelos novos desenvolvimentos dos estudos bíblicos e teológicos.

Absolutamente não canonizamos todas as experiências que marcaram as últimas décadas da vida religiosa feminina nos Estados Unidos. Cremos que começamos uma conversão, diariamente. Nossas experiências rumo a uma maior responsabilidade pessoal, rumo à criação de novas formas de oração comunitária, nossas expressões colegiadas de responsabilidade, nosso crescente envolvimento nos estudos e nas mudanças de estruturas sociais, nossos conceitos mais amplos de ministérios, nos levaram a questões de interioridade e de compromisso mais aprofundados.

Será importante dar prosseguimento aqui ao processo de nossas

reflexões em preparação a esta conferência. Por esta razão selecionamos três aspectos dos desafios de nosso contexto sócio-político que, no seu conjunto, refletem nossas experiências, levam a um testemunho e a um compromisso mais consciente e a novas dimensões no assumir riscos por amor.

O primeiro destes aspectos é o “grito dos pobres”. Precisamos declarar nossa posição frente ao sistema capitalista. Esta cruel atitude de que é certo consumir tudo, seja lá o que for em qualquer tempo, contanto que se tenha recursos para comprar; a identificação do progresso com a ganância; a extorsão dos recursos naturais do mundo; a miséria e a fome de milhões, são agulhões insuportáveis para os religiosos quando têm de falar de um voto e de um compromisso de distribuir e de partilhar, e ao mesmo tempo, se sentem instalados e, até pior, tiram vantagem do sistema.

O segundo aspecto é o papel da mulher. As injustiças institucionalizadas, a despersonalização da mulher, o impacto de uma separação rígida entre os valores masculinos e femininos na constituição de nossa sociedade, são uma das mais difusas, amplas e importantes causas da desumanização.

O terceiro aspecto de desumanização é o uso do poder contra as pessoas, seja crianças, seja prisioneiros, seja miseráveis. Muito particularmente as experiências em andamento sobre um repensar das funções de todas estas posições de autoridade e as experiências vivenciadas sobre a distribuição da autoridade colegiadamente, estão dando às religiosas um novo sentido da importância do serviço da autoridade.

“Até onde queremos realmente chegar?” A paráfrase a Bob Dylan nos desafia. Até onde queremos procurar a verdade, realmente? Só com palavras não chegaremos lá.

A PRESENÇA DAS RELIGIOSAS NO MUNDO SEGUNDO AS BEM-AVENTURANÇAS

Irmã Bénédicte Ramsing, CSJ
Superiora Geral das Irmãs
de São José de Chambéry

Introdução

Vindas de todas as partes do mundo, estamos reunidas em nossa sessão de Superiores Gerais. Este ano nossa assembléia será marcada pela realização do Sínodo que nos impeliu para uma busca muito séria sobre a evangelização do mundo contemporâneo.

Vivemos um ano de preparação para o Sínodo num espírito de profunda comunhão, num esforço contínuo de pesquisa sobre o tema, esforço sustentado pela comunicação, por encontros, por reuniões, por grupos de estudo que aprofundaram os diferentes aspectos da evangelização: missão, educação, justiça, paz, vida religiosa, etc. Vou apresentar alguns pontos de convergência a que chegamos em nossas pesquisas.

1. A necessidade de nos deixar evangelizar continuamente, isto é, a reciprocidade que existe no processo de evangelização entre evangelizador e evangelizado.

2. A importância do testemunho, isto é, da coerência entre nossas palavras e nossa vida.

3. A insistência sobre a atitude de busca constante para se conhecer melhor e assumir responsavelmente nosso papel na evangelização conforme os tempos e os lugares.

O tema que devo desenvolver: "A presença da religiosa no mundo segundo as bem-aventuranças" nos coloca no coração mesmo de nossa pesquisa sobre a evangelização. **Lumen Gentium**, capítulo IV, parágrafo 31, falando das diferentes funções na edificação do Corpo de Cristo,

que é a Igreja, nos diz: "Os religiosos, por sua vez, em virtude de seu estado, atestam, de maneira patente e excepcional, que o mundo não pode ser transfigurado e oferecido a Deus sem o espírito das bem-aventuranças."

Pensei, então, em refletir com vocês sobre alguns pontos relacionados

com o tema desta manhã, dentro deste esquema:

I. Cristo e as bem-aventuranças.

II. Vida cristã e bem-aventuranças.

III. O testemunho evangélico da vida religiosa.

I. Cristo e as bem-aventuranças

Cristo, um dia, nas encostas de uma montanha, proclamou as bem-aventuranças, "frente a uma grande multidão", rodeado de seus discípulos. Revelando assim o caráter "extraordinário" da vida cristã, ele se dirige hoje como ontem a todos aqueles que se abrem ao seu apelo para uma vida nova, a vida que veio trazer ao mundo.

Já lemos, repetidas vezes, as bem-aventuranças no conjunto do Sermão da Montanha. Passamos rapidamente sobre as palavras ou aprofundamos o seu sentido? Quem as considerou sinceramente? Quem as gravou no coração? Quem fez esta experiência, sente um frêmito pela dureza das exigências de Jesus e pela sua própria impotência em realizar as bem-aventuranças quando pensa vivê-las. Estas exigências não podem ser compreendidas a não ser à luz do Mistério da Salvação que nos introduz numa ordem representada pelos "céus novos" e pela "terra nova" que Jesus estabeleceu quando se imolou na cruz e quando ressuscitou. Trata-se, sem dúvida, da realidade que foi revelada a João em Patmos: "Eis a morada de Deus com os homens. Deus morará com

eles. Eles serão o seu povo. Deus, Deus mesmo será o seu Deus. Ele enxugará todas as lágrimas de seus olhos. Não haverá mais morte porque o mundo antigo passou. Eis que faço um mundo novo."

O mistério do reino escatológico e eterno, já presente e revelado por Jesus Cristo, permite compreender porque o Sermão da Montanha exige tão imperiosamente que o homem se entregue a Deus imediatamente, absolutamente, incondicionalmente, sem restrição alguma. "Buscai primeiro o reino de Deus e sua justiça", Mt 6, 33. No Sermão da Montanha Cristo proclama que a atitude religiosa e moral que será a atitude dos resgatados num mundo que há de vir, começa a ser exigida desde aqui e agora.

Jesus cumpriu sua missão de revelar as coisas do Reino, a partir de uma existência humana total e verdadeira. Ao assumir a carne para entrar na ordem de sua criação visível, Deus demonstrou que está em busca do homem, que o ama, mesmo sendo vítima de dores que vão até a morte. É toda a tessitura da vida humana que Cristo viveu e expressou nas bem-aventuranças. Sim,

ele viveu plenamente as bem-aventuranças que nos propôs. Referindo-se diretamente à bem-aventurança da pobreza, que encerra todas as outras, Jesus quis apontar nos pobres, os herdeiros privilegiados do Reino que anunciou. Messias dos pobres, pobre ele mesmo, o pobre por excelência: Belém, Nazaré, a vida pública, a cruz, são formas diversas da pobreza, desposada e consagrada por ele, até o esvaziamento total.

É totalmente pobre e não apenas pobre dos bens materiais. É também totalmente livre de todos aqueles apoios sobre que os homens repousam sua existência. Nada lhe pertence, nem seus amigos, nem seu futuro, nem seus pensamentos, nem seu tempo, nem sua obra.

Tudo o que tem, tudo o que é, ele o recebeu do Pai e não cessa de recebê-lo. "Ele, Deus por natureza, não julgou dever a todo custo ostentar a glória divina. Mas aniquilou-se a si mesmo, tomando a condição de escravo e fazendo-se semelhante aos homens. E sendo tido em conta de

homem, humilhou-se ainda mais, feito obediente até a morte, e morte de cruz. Por isso é que Deus o exaltou e lhe deu um nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho, no céu, na terra e nos infernos, e toda língua confesse, para glória de Deus Pai: Jesus Cristo é o Senhor", Fil 2, 6-11. Veio partilhar com os homens a alegria filial de nada possuir e de tudo receber.

Vindo ao mundo para servir e não para ser servido, quis toda a sua existência absorvida e despojada de si mesma. Pobre em seu tempo, Jesus nunca foi avaro. Seu tempo não foi para seu benefício, mas para benefício de todos aqueles que dele precisassem.

Seus são, sobretudo, os pobres e é nos pobres que ele quer estar presente para nós e de maneira questionadora, depois que não nos é mais visível. Os pobres, os prisioneiros, os doentes, os famintos, os desabrigados e tantos outros. Por seu Espírito, Cristo continua a operar no mundo o mistério de sua pobreza.

II. Vida cristã e bem-aventuranças

O Novo Testamento traz os ecos de como os primeiros cristãos viveram as bem-aventuranças. Por amor de Cristo, os apóstolos aceitaram tudo perder. Perderam-se a si mesmos e perderam tudo o que poderia fazê-los ricos. Não há outra possibilidade de colocar alhures a esperança a não ser naquele que os chamou. Nisto se sentem possuidores de um tesouro inesgotável. "Não tenho ouro nem prata", declara Pedro ao

paralítico que lhe pede uma esmola à porta do templo. "Mas o que tenho eu lhe dou. Em nome de Jesus Cristo de Nazaré, levanta-te", At 3, 5. E ele se levantou, curado, ágil, feliz.

Paulo, porque se sente "um vaso de argila", de qualidade muito trivial e frágil, se diz depositário de um tesouro extraordinário: "O evangelho da glória de Cristo" 2 Cor 4, 5. Por que se vê cada dia pressiona-

do, perseguido, aterrorizado, em perigo constante, sempre ferido em sua fraqueza terrena, em suas limitações pessoais, ele exulta no dom de Deus, na força que lhe é dada para trabalhar e anunciar o evangelho.

Hoje como ontem, a Igreja está consciente que o espírito das bem-aventuranças deve animar toda a vida dos cristãos. Falando da responsabilidade dos cristãos no desenvolvimento econômico-social e na luta pelo progresso da justiça e da caridade, **Gaudium et Spes** afirma que, no meio das atividades terrestres, os cristãos devem “estabelecer uma justa hierarquia de valores, fiéis a Cristo e a seu evangelho, para que toda a sua vida, individual e social, seja penetrada do espírito das bem-aventuranças e, em particular, do espírito de pobreza”, GS 72, 1. Todos,

e cada um individualmente, devem nutrir o mundo de frutos espirituais (Gál 5, 22) e espalhar este espírito que anima os pobres, os mansos, os pacíficos, os bem-aventurados que o Senhor proclamou (GS 38; Mt 5, 3).

Lembremos como o evangelho se identifica pelo anúncio e pela proclamação da salvação aos pobres (Lc 4, 18). O evangelho foi proclamado pelo pobre por excelência, o Messias dos Pobres, que escolheu para seus instrumentos homens pobres e fracos. E assim haverá de continuar toda a história da Igreja “servidora e pobre”. A Igreja sempre recebeu os mais fortes impactos e impulsos de homens materialmente pobres e pequenos como Francisco de Assis, João XXIII e tantos outros.

III. O testemunho evangélico da vida religiosa

O testemunho evangélico da vida religiosa não pode ser considerado à parte, mas no conjunto do Povo de Deus, em complementariedade com a diversidade dos carismas que constituem a Igreja.

A partir do Vaticano II, fomos obrigadas a repensar nossa vida religiosa para vivê-la mais autenticamente. Esta renovação não é novidade nem simples adaptação, mas uma abertura e uma disponibilidade para deixar o Espírito fazer “o novo” em nós. Isto exige um retorno contínuo à fonte de toda a vida cristã como ainda um retorno à inspiração primeira e originária das Congregações em correspondência com as novas condições da vida atual.

Estamos conscientes dos esforços sinceros que nossas congregações religiosas fizeram em vista de uma renovação em profundidade? Tenho a impressão de que há grandes questões a repensar: Será que todos os esforços de renovação, de adaptação, de mudanças, de reestruturação de nossas congregações religiosas, tiveram realmente a finalidade de nos levar a uma vida evangélica autêntica e significativa para o homem de hoje?

Em nossos capítulos gerais, em nossos conselhos, nossas opções visaram nos engajar num estilo de vida mais evangélico e, portanto, mais pobre, para viver uma fé mais encarnada? Estas orientações bási-

cas vingaram? E se não vingaram, por que não vingaram?

Não penso em fazer uma exposição teórica sobre o que deve ser o testemunho da vida religiosa vivida segundo o espírito das bem-aventuranças. Temos em mãos uma rica bibliografia sobre o assunto. Nem tenho a pretensão de responder às perguntas inquietantes que possam ser levantadas. Simplesmente, quero partilhar com vocês minhas reflexões a partir da experiência, aliás muito limitada, como Superiora Geral durante estes últimos cinco anos. Vou me referir aos contatos tidos seja com as comunidades de minha congregação internacional, seja com as comunidades de outras congregações.

Com frequência, quando nos encontramos diante de uma realidade vivida por um grupo de irmãs num determinado contexto, uma interrogação logo aparece: Temos nos deixado interpelar suficientemente pela vida? Tivemos coragem? Tivemos coragem para assumir as conseqüências? Em nossas reflexões, em nossas discussões, em nossas sessões... quando falamos da realidade, que queremos dizer? Será que não a vemos de maneira abstrata?

Parece-me que um confronto corajoso com a vida com a finalidade de assumir as conseqüências, de maneira evangélica, exige um desapego total, isto é, uma libertação completa de tudo o que nos escraviza; um despojamento e uma pobreza que aceitam tudo receber de Deus e dos homens.

Esta pobreza de espírito será o caminho por onde nossa vida reli-

giosa será realizada no verdadeiro sentido da encarnação, da transcendência, da significação, segundo o espírito das bem-aventuranças. Examinemos estes três aspectos em nosso modo de presença no mundo, em nossas atitudes, em nossas ações.



A. Encarnação. A experiência nos mostra que a encarnação no meio não se faz simplesmente pela mudança de tipo de comunidade. Conhecemos mudanças que nada acrescentaram de sentido evangélico.

No princípio da renovação, nos conscientizamos de que muitas de nossas comunidades, no seio das grandes congregações, davam ares de comunidades condicionadas à obra, estranhas ao povo, alheias à vida deste povo que elas queriam servir com tanta generosidade. Foi, então, que tentamos nos inserir no meio com novas formas de comunidades. Surgiu, pois, o fenômeno das Pequenas Comunidades em toda parte. Foi um primeiro passo, importante mas não suficiente.

É, sobretudo, pelo conjunto da presença, da atitude e das ações que uma encarnação em vias de se realizar, completar-se-á, pouco a pouco. Penso neste momento na evolução de uma Pequena Comunidade que visitei este ano. Esta comunidade está numa prelazia, longe de qualquer civilização. Ela ensaia viver uma encarnação na pobreza, na luta e na esperança de seu povo. Comunidade aberta onde se percebe certo grau de relacionamento qualificado, seja entre as irmãs, seja entre as irmãs e o povo: atenção umas

para com as outras, disponibilidade e espírito de serviço, confiança recíproca, partilha de tudo e com todos, bens materiais e espirituais, numa grande simplicidade. Reina um clima de grande alegria apesar dos sofrimentos e das dificuldades encontradas. Tudo parece ajudar as irmãs a descobrir os valores evangélicos da vida consagrada e como poder encarná-los na vida cotidiana. É uma educação recíproca que se faz entre o povo e a comunidade.

Esta comunidade venceu a etapa que poderíamos chamar de “presença física”, com imenso devotamento aos serviços da educação, da saúde, da catequese, etc. . . Pouco a pouco as irmãs descobriram as exigências de uma encarnação no meio ambiente. Para isto foi preciso que elas se inserissem no processo de busca ativa e de conhecimento das verdadeiras condições de vida nesta região.

Creio que as comunidades que vivem um novo tipo de inserção no mundo passam sempre por uma etapa necessária de “deserto”, na qual pode se dar um progressivo despojamento, indispensável para conhecer o povo, penetrar na vida normal das pessoas. Comblin dizia que “o deserto para as religiosas não estava mais nos conventos. Os conventos são hoje muito confortáveis. Os desertos estão hoje nos meios pobres.”

Se isso for verdade, vamos tirar as consequências. Não estamos, então, sendo convocadas para um êxodo, para uma diáspora? A situação de deserto poderá ajudar a passar da atitude de possuidores, de proprietários, para uma atitude de aco-

lhida, de receptividade, de partilha verdadeira. Exige-se paciência; precisa-se contar com o tempo, aceitar as diferentes etapas pedagógicas indispensáveis a uma comunidade que quer assumir autenticamente sua vida e sua missão. É preciso respeitar os caminhos pessoais, com confiança e com lealdade. Algumas intuições muito válidas surgirão afinal como projetos, vagos e confusos, irrealizáveis, mas que se concretizam, sabe lá Deus como. Um projeto de vida é alguma coisa que está sempre se refazendo.

Como meio de ajudar a renovação da vida religiosa, a inserção nos meios populares se revela muito mais positiva do que a inserção nos meios da burguesia. Não quero dizer que devamos limitar nossa missão aos meios populares. Mas no meio da burguesia, é preciso estar muito atento para não se deixar absorver pelas estruturas da sociedade capitalista. Com facilidade extrema se deixa levar pelo ritmo da sociedade de consumo que deve ser contestada pela simplicidade de nossa vida. Sobre tudo corre-se o risco de uma instalação que não se identifica com nenhuma das exigências da vida evangélica nem traz nenhuma significação para o mundo.

Quanto às formas tradicionais de comunidade, já mostrei que será sempre por uma verdadeira abertura que elas se inserirão no mundo. Percebe-se também a recusa formal das jovens religiosas frente às grandes instituições. Eis alguns dos motivos desta recusa, apresentados por algumas jovens religiosas de uma grande ordem:

— As obras próprias da Ordem são um modo de exercer o poder.

— Numa série de obras próprias se forma inevitavelmente um mundo dentro do mundo (um gueto) cultural e economicamente autosuficiente. Sendo assim, o relacionamento com o mundo torna-se um relacionamento de poder e não de testemunho.

— O relacionamento em nível interpessoal é sempre em nível formal. Nunca se desce em profundidade.

— O indivíduo torna-se inevitavelmente um número em função de uma lógica objetiva de trabalho e de poder.

É preciso nos conscientizar de que esta sensibilidade existe. Ela é o que é. Não acham vocês que é preciso acolher estas asserções e emprestar-lhes a consideração que merecem? Estamos suficientemente atentas aos sinais que Deus nos manda pelos jovens num momento em que nossa responsabilidade se ocupa e se preocupa com o futuro? A Igreja Latino-Americana afirmou em Medellin que a juventude é o símbolo da Igreja que apela para uma renovação constante de si mesma, ou seja, para um rejuvenescimento contínuo e incessante.



B. Transcendência. Nossa encarnação no mundo deve ser vivida de maneira a testemunhar que a verdadeira história do homem é uma busca, através do tempo, de uma realidade que está para além da vida vivida.

Lumen Gentium nos diz que, no Povo de Deus em busca da cidade futura, cabe aos religiosos manifestar mais perfeitamente os bens celestes já presentes aqui e agora; cabe a eles atestar a existência de uma vida nova e eterna, adquirida pela redenção de Cristo e, enfim, anunciar a ressurreição vindoura e a glória do reino dos céus (LG 44). Entre este nosso mundo e um outro onde se realizará plenamente o desígnio do Senhor, há, ao mesmo tempo, continuidade e ruptura. Se este mundo vindouro é o estado definitivo de nossa terra, será preciso desde agora deixá-lo transparecer na construção de um mundo que se aproxime, o mais possível, da figura acabada.

Esta figura acabada será a comunhão perfeita dos homens entre si e com Deus. A essência do reino de Deus é, portanto, uma relação interpessoal de amor vivenciada por todos que aceitaram a salvação trazida por Jesus Cristo.

Como religiosas, somos chamadas a viver como irmãs na comunhão com Cristo e construindo juntas uma comunidade que seja uma fraternidade de acolhida, de amor, de esperança, onde os homens possam descobrir uma comunhão humana possível, malgrado todas as imperfeições. Os valores espirituais são a base desta comunidade, aqueles valores que se encontram perdidos neste mundo materializado e individualista de hoje.

Esta comunidade por si mesma e com as outras comunidades já representam uma dimensão transcendente do testemunho de Cristo res-

suscitado, presente no mundo. Visitei uma comunidade de quatro Irmãzinhas de Jesus, no interior do Amazonas, Brasil. Foi onde pude ver a realidade do que acabo de dizer. Estas irmãs lá estão há mais de vinte anos entre índios primitivos, de um modo vivamente encarnado. Pouco a pouco o testemunho de fraternidade vivido, não obstante a cultura dos índios, despertou neles o senso de sua dignidade humana, contribuindo para um desenvolvimento muito lento mas continuado para seus próprios valores e, através de tudo isto, começaram a descobrir o Deus que as Irmãzinhas revelam na própria vida.

Quem não conhece em nossos dias, o impressionante exemplo de Madre Teresa, de Calcutá, na Índia, onde sua atitude de misericórdia junto dos agonizantes, tem sido uma viva presença de Deus? Ela não procura convertê-los; entretanto, muitos deles pedem o batismo. "Não sou eu, é Cristo em mim", costuma responder com frequência, quando lhe dizem que faz muito bem.

O homem busca hoje um progresso e um desenvolvimento para o qual sente que foi feito, no mais profundo de si mesmo. Ele luta pelo pão, luta pela liberdade, luta pela dignidade, pela justiça, pela unidade. É a este progresso e a este desenvolvimento que ele tende. Em Cristo, Deus se tornou visivelmente presente na aspiração dos humildes, dos pobres, dos prisioneiros, dos oprimidos. Desta presença de Deus nos homens é que nasceu a Igreja. Nossas comunidades religiosas precisam continuar esta presença visível de Deus neste esforço do ho-

mem para ser mais o que é. Isto exige uma abertura e uma disponibilidade para descobrir o homem ali onde ele se encontra conforme as circunstâncias do tempo e do lugar.

Ao longo dos contatos que tive com uma jovem religiosa que cursa a universidade numa grande cidade européia, fiquei sabendo como, ao lado de seus estudos, pôde se dedicar a um serviço em favor dos alcoólatras e dos desabrigados da cidade. Estes sofrem as consequências das injustiças da sociedade. Perderam toda fé e toda dignidade humana. Ela me contou que um destes homens, ex-detento, desempregado, com quem conversava uma hora por semana, escutando-o e encorajando-o, conseguiu readquirir o senso de sua dignidade pelo simples fato de ver aquela irmã se interessar por ele.

Esta irmã contou ainda como conseguiu estabelecer uma pequena comunidade pobre mas aberta, para que seus colegas de universidade, estudantes ateus, pudessem dialogar livremente, porque dizia ela, estes ateus idealistas são ouvintes atentos e exigentes. Exigem coerência entre as palavras e a vida. O que mais causou impacto a esta irmã foi que os estudantes idealistas não contam absolutamente com o cristianismo como perspectiva de verdade, de justiça, de libertação. Isto nos deve interpelar profundamente.

A vida religiosa será um testemunho verdadeiro de Deus se as rupturas exigidas andarem paralelas com uma felicidade adulta que comprove uma realidade e não se contentar com belas declarações. Só Deus enche uma vida e a torna feliz verda-

deiramente. Que espécie de testemunho podemos apresentar no que diz respeito à alegria? Nossas comunidades são uma presença de Igreja no meio dos homens? O que emperra em nós o testemunho de felicidade das bem-aventuranças? Esta alegria evangélica, fruto do Espírito, nos permite, mesmo em situações difíceis, perceber com maior profundidade a Boa Nova e testemunhá-la. Esta alegria cristã, testemunhada em circunstâncias difíceis e humildes, no sofrimento, é um sinal do Senhor ressuscitado que ajuda a encontrar o sentido do mesmo sofrimento. A alegria e a liberdade evangélicas nos permitem ser mais sensíveis às injustiças e nos tornam capazes de viver e de nos engajar a serviço da construção de um mundo mais humano, mais justo, mais fraterno.

Vivemos num mundo onde o problema da injustiça é muito agudo. Onde o escândalo dos ricos que se tornam cada dia mais ricos e dos pobres cada vez mais pobres, continua. Onde a espiral da violência tende a recrudescer. Mas é também um mundo onde se multiplica o número dos que têm fome e sede de justiça; um mundo onde tantos de nossos irmãos vivem a bem-aventurança dos perseguidos por causa da justiça do Reino. Nós estamos neste número?

Como somos solidários com os homens de hoje em suas alegrias, em suas esperanças, em suas tristezas, em suas frustrações? A maneira pela qual vivemos nossa vida religiosa não é um obstáculo às exigências evangélicas de solidariedade para com todos?

Para exprimir visivelmente a presença de Deus nestas atuais e reais situações, para ser fermento evangélico de reconciliação, de fraternidade, de paz, de justiça, o que conta é a qualidade de nossa vida, de nosso relacionamento. Pouco importa o tipo de atividade que desenvolvemos. cremos realmente na eficácia do Reino de Deus, tal como nos é revelada nas bem-aventuranças?



C. Significação. No movimento de renovação da vida religiosa, duas noções representaram e continuam representando um papel nem sempre positivo: a noção de signo e de especificidade da vida religiosa, com a preocupação de bem defini-la.

É na medida em que as irmãs vivem sua consagração religiosa numa situação bem encarnada na realidade e, ao mesmo tempo, na medida em que fazem do seguimento de Cristo a regra suprema da própria vida, que a vida religiosa pode testemunhar a existência de uma vida nova e eterna adquirida pela redenção de Cristo e pode revelar os valores e os bens do Reino já começado aqui e agora. É ainda a partir desta experiência vital que as irmãs redescobrem e aprofundam o sentido da consagração religiosa no mundo de hoje. É lógico, nunca se pode excluir e exige-se mesmo, uma reflexão teológica profunda para que se possa assumir com descortínio o engajamento. Uma conversão diária também não pode faltar. Não podemos esquecer que a **metânoia** é elemento fundamental da mensagem

evangélica. Trata-se de uma conversão que une indissoluvelmente uma opção de fé e uma adesão total, radical, incondicional a Cristo e a seu evangelho.

Este processo contínuo, realizado pela ação do Espírito em nós, nos impele a ver tudo sob a luz do evangelho. Do evangelho vem um sentido novo e sempre renovado para as pessoas, para as coisas, para os acontecimentos, sentido sempre conforme ao desígnio de Deus revelado em Jesus Cristo. Este sentido novo determina atitudes novas, relacionamento novo que são a base das exigências radicais da vida segundo as bem-aventuranças.

“O confronto profético com o mundo exige, para realizar realmente alguma coisa de salvação, que nós mesmas, tenhamos tido um confronto purificador, talvez doloroso, com o Senhor. Este confronto exigirá certamente um pouco menos de palavras e a conversão do coração do apóstolo. Se perdemos grande parte de nossa credibilidade junto do mundo, não é apenas em razão de nossa linguagem, muitas vezes, defasada e pouco compreensível ao homem de hoje. O elemento decisivo é a falta de **ser** autêntico em nível mais profundo.”

Também o Concílio Vaticano II nos lembra que a “Igreja tem o dever de perscrutar diariamente os sinais dos tempos e de os interpretar à luz do evangelho de tal maneira que ela possa responder, de maneira adaptada, a cada geração sobre as questões eternas que os homens apresentam a respeito do sentido da vida presente e futura e de suas re-

lações recíprocas. É, preciso, portanto, conhecer e compreender este mundo no qual vivemos, suas expectativas, suas aspirações, seu caráter, muitas vezes, dramático”, GS 4.

A vida religiosa só tem sentido se estiver a serviço desta consciência profética da Igreja inteira, que está a serviço do mundo. Esta é uma verdade tanto para a vida religiosa contemplativa como para a vida religiosa apostólica.

Há necessidade de uma atitude de escuta e de disponibilidade ao Espírito para se perscrutar e interpretar os sinais que vêm do mundo, as aspirações do homem, para que a nossa vida religiosa seja sempre vivida mais autenticamente como presença e como serviço. Não se trata de buscar nossa identidade no mundo. Esta identidade só pode vir de nossa fé e de nosso amor.

O homem de nossa cultura atual vê verdade sobretudo na retidão do comportamento e na qualidade das relações interpessoais que ele constrói. A autenticidade é a norma.

Uma das coisas que mais nos re-criminam, sobretudo a juventude, é que a nossa vida é muito complicada. Não damos a impressão de sermos mulheres livres. Ou o somos de verdade? É preciso ter coragem e ir até ao fundo desta contestação para ver o que nos obstacula ser signo da fé que liberta o homem da angústia do horizonte muito estreito de seu mundo. O que obstacula o testemunho de felicidade das bem-aventuranças, felicidade que nasce da retidão de uma vida simples? Foi esta simplicidade evangélica que fez de São Francisco de Assis e de ou-

tros santos como ele, uma palavra viva, eloqüente, compreendida pelos homens.

Uma jovem professora leiga manifestou assim suas impressões a respeito das religiosas:

“É preciso desfazer esta imagem de que a religiosa está sempre à parte, sempre de lado, encastuada em seu mundo muito complicado, cheia de privilégios, incapaz de ter relações normais conosco. Esta imagem sustenta a imagem falsa de que a vida cristã é privilégio para um pequeno número e que são precisas condições totalmente especiais para vivê-la. Se, pelo contrário, a religiosa vivesse sua consagração mais perto de nós, ela nos ajudaria grandemente pela sua experiência de oração. Ela anunciaria a palavra de Deus ao nível de nossa experiência de vida.”



Impressionada por estas reflexões, anotei as conseqüências sobrevindas à vida das irmãs que acolheram a interpelação vinda do povo, com vistas a uma vida religiosa mais significativa. Isto se deu após uma pesquisa entre jovens operárias, quando lhes perguntei a opinião a respeito da vida e da missão das irmãs:

1. Não conhecemos as irmãs. Elas andam muito alheias à gente, sem relacionamento conosco.

2. O trabalho das irmãs nos colégios pode ajudar as meninas a se preparar para a vida, mas elas deveriam ter mais contato com o povo. Para que existem as irmãs? Elas não

têm influência alguma. Se elas partissem amanhã para outra cidade, nada significaria para nós. Talvez possa significar alguma coisa para quem está no colégio.

3. As irmãs estão muito longe da classe operária. Elas nunca estão onde nós estamos. É preciso ter passado fome para compreender a gente.

4. Nós gostaríamos de ver as irmãs em toda parte, mais livres, mais simples, mais desembaraçadas de tantas coisas, mais em contato com o povo, no meio de nós, nos visitando, nos dando um pouco de tempo e de atenção.

5. As irmãs deviam se identificar com os outros. A gente deveria descobrir que elas são religiosas pelo modo de se doar aos outros.

6. As irmãs pensam conhecer o mundo pela televisão. Ninguém vê o mundo pela televisão. O mundo está onde a gente vive.

7. Se as irmãs vivessem com o povo, teriam grande facilidade de sentir com o povo, de dialogar com ele. Elas poderiam nos ajudar a descobrir os verdadeiros problemas e o caminho que a gente deveria percorrer.

As irmãs se impressionaram vivamente com estas respostas e as levaram muito a sério. Uma mudança profunda para melhor se seguiu na vida daquela comunidade.

Um dos aspectos de nossa vida que poderia ser significativa para o homem de hoje, seria o aspecto da pobreza. O tempo não me permite aprofundar este grande problema,

sobre o qual não levantamos muitas questões. Vou tocar rapidamente num ponto que muito me impressiona e que parece importante.

A exploração dos recursos naturais como hoje é realizada em proveito de um pequeno número de pessoas, os problemas de trânsito nas cidades, a poluição, apontam para a necessidade urgente de educação do homem para uma austeridade de vida nas regiões mais desenvolvidas.

Nas regiões em desenvolvimento, é urgente a criação de um modelo de sociedade, um estilo de vida propositadamente mais humano, seguindo valores verdadeiros que já são conhecidos e apreciados, como por exemplo, a sobriedade, a solidariedade, o espírito de família.

A quem incumbirá esta responsabilidade de contribuir essencialmente para esta educação, senão àqueles que fizeram profissão de viver a pobreza evangélica? Colocando nossos bens materiais, nossos talentos e nossas capacidades a serviço dos homens, manifestamos visivelmente o desígnio de Deus que criou a terra para todos os homens. O Reino de Deus tornar-se-ia assim visível, graças ao poder de seu amor que anima todas as coisas e graças à solidariedade de todos aqueles que se deixam conduzir por este amor.

●

Num Congresso realizado aqui em Roma recentemente, por um movimento leigo em favor da América Latina, tendo como tema central "O Homem Novo", um assunto que muito impressionou aos trezentos

participantes, foi o testemunho de um bispo do Terceiro Mundo, dado numa carta pastoral que estava transcrita num dos trabalhos. Gostaria de ler parte desta carta. O que passo a fazer:

"Em união com muitos outros bispos, depositando minha confiança sobretudo na graça e na força de Jesus Cristo, consciente da urgência de conformar sempre mais, nossa vida à pobreza evangélica, em presença da Santíssima Trindade, da Igreja de Cristo e dos padres e fiéis da diocese, me proponho ao que se segue:

1. Procurar viver conforme o modo comum das pessoas no que se refere à casa, à alimentação, aos meios de transportes, etc.

2. Renunciar a toda riqueza aparente e real, especialmente ao que se refere às vestes e às insígnias episcopais.

3. Não possuir bens móveis nem imóveis, nem contas bancárias, nem em meu nome nem em nome da diocese, nem das obras de assistência que forem necessárias.

4. Confiar, sempre que possível, a administração financeira e econômica da diocese a uma comissão de leigos competentes e conscientes de seu papel apostólico, ficando assim menos administrador e mais pastor e apóstolo.

5. Não aceitar expressões que possam significar poder, grandeza e fausto, mas simplesmente a denominação de Padre ou simplesmente bispo.

6. Evitar em minha maneira de ser e em minhas relações sociais, tudo que possa indicar alguma preferência pelos ricos e pelas pessoas influentes.

7. Doar tudo que for preciso de meu amor, de meu tempo, de minhas preocupações, de meus recursos, etc. . . ao serviço apostólico e pastoral das pessoas mais necessitadas e mais humildes, sem me esquecer da atenção devida às demais pessoas.

8. Agir de tal maneira que as obras de beneficência sejam realmente obras sociais, fundadas sobre a justiça e a caridade e que sirvam para suprir às necessidades mais urgentes.

9. Fazer todo o possível para que o Governo promulgue e aplique, de maneira eficaz, as leis necessárias à promoção de uma ordem social digna do homem, a fim de que se organizem estruturas e instituições sociais que esta nova ordem supõe.

10. Partilhar na caridade pastoral minha vida com os irmãos em Jesus Cristo, padres, religiosos, leigos, para que a caridade seja um verdadeiro ministério a serviço dos outros,

fazendo com eles a revisão da vida e suscitando colaboradores que sejam mais animadores segundo o Espírito e não chefes segundo o mundo.

Ao mesmo tempo, procurarei estar presente humanamente e ser mais aberto, mostrando-me disposto ao diálogo com todos. Expondo estes propósitos que são fruto de uma longa maturação conciliar, peço que me ajudeis com vossas orações, vossa compreensão e vosso apoio.”

IV. Conclusão

Somos, no mundo inteiro, mais de um milhão de mulheres consagradas. O que não significaria para a transformação do mundo se todas ou, ao menos algumas, tomassem a sério as palavras de Cristo? Seriam um anúncio e uma revelação do evangelho da cruz e da ressurreição que é manifestação patente de uma sabedoria transcendente, a única que pode dar ao homem de hoje aquilo que ele procura: o sentido de seu agir, a significação de seus projetos, a finalidade de sua vida. É o único caminho da reconciliação do homem com o Senhor, com seus irmãos, com a natureza, ou seja, a recapitulação de todas as coisas em Cristo.

No dia 27 de novembro de 1974, Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ, Presidente Nacional da CRB, fez uma exposição para os Bispos reunidos na XIV Assembléia Geral da CNBB, em Itaici, SP. Convergência publica aqui a íntegra do texto.

A CRB NA ASSEMBLÉIA DA CNBB

1. A Vida Religiosa no Brasil representa hoje no contexto de diversos países uma nota de esperança. Nós acreditamos no sentido da Vida Religiosa como vocação apostólica na Igreja, como desejada manifestação de um dos aspectos da santidade desta mesma Igreja (LG 43/44). Este sentido de esperança fica evidente diante do momento de depressão ou estagnação da vida religiosa em não poucos países.
2. A CRB, como organismo de promoção e animação da Vida Religiosa no Brasil, tem orientado seus trabalhos na linha de três grandes prioridades:
 - 2.1. **A Reflexão Teológica** sobre a própria vida religiosa e temas ou problemas a ela intimamente vinculados. Como tais, foram estudados Vida Religiosa e Fé, Vida Religiosa e Missão, Vida Religiosa e Igreja Particular. Este último tema foi, inclusive, aprofundado em contato direto e colaboração com alguns Episcopados, como o do Estado de São Paulo (Reg. Sul 1) e do Paraná (Reg. Sul 2). Mas constituiu também tema central de estudos de Assembléias Regionais em oito Regionais da CRB. Considerado também, a partir do trabalho de base de 44 grupos de estudos em todo o Brasil, o Papel da Mulher e da Mulher Consagrada especialmente na Igreja e no mundo. Os resultados dos estudos e conclusões se encontram publicados na Revista CONVERGÊNCIA, de Jan./Fev., Jul./Agosto e Nov. 74.
 - 2.2. **A Formação**, inicial e permanente. Aquela pelo desenvolvimento de Noviciados e Junioratos comuns intercongregacionais, para oferecer aos jovens formandos, de modo qualificado, os elementos fundamentais de toda vida religiosa: introdução à Sagrada Escritura, à Liturgia, à oração comunitária, ao relacionamento pessoal e comunitário. Quanto à formação permanente, sobretudo os encontros e cursos de aprofundamento para Formadores, para Provinciais, Superiores Locais, Madres Gerais das Congregações brasileiras.

A mencionar com especial destaque o encontro nacional das Contemplativas no Brasil, que a CRB promove anualmente e que contou em 74 com a presença de 120 contemplativas de quase todas as congregações presentes no Brasil.

2.3. **A Intercomunicação** com organismos nacionais e internacionais. A sublinhar o excelente relacionamento entre a CNBB e a CRB nos três níveis, da Assembleia Geral, da CEP e da Linha I. O mesmo se diga em nível regional, com quase todos os regionais. O eventual insucesso ou dificuldade registrada neste relacionamento em um ou outro regional, não deve fazer perder de vista o desempenho global da CRB seja em nível nacional seja no da grande maioria dos Regionais. — Importante também o contato permanente com a Sagrada Congregação dos Religiosos. Ela tem acompanhado com vivo interesse os trabalhos da CRB e o fez particularmente pela presença no Brasil em Fev. de 74, a convite nosso, do Arc. Agostinho Mayer, Secretário da Sagrada Congregação que esteve conosco 6 dias. Posteriormente, a convite nosso também, tivemos a honra da presença em nossa Assembleia Geral, em todos os seus atos e vindo ao Brasil somente para ela, do Sr. Cardeal Tabera, Prefeito da Sagrada Congregação dos Religiosos. A propósito de sua presença entre nós, escreveu-nos belíssima carta, publicada em CONVERGÊNCIA, no volume de novembro/74.

3. A CRB, no seu constante aprofundamento teológico, identifica cada dia melhor sua própria natureza e a índole de sua presença na Igreja no Brasil. Não como um organismo paralelo ou concorrente à CNBB. Mas, pelo contrário, como um órgão que, por iniciativa e criação pontifícia, se insere na Igreja do Brasil, como num contexto global, especialmente atento, porém, ao crescimento e embasamento vital, existencial, teológico do ser religioso daqueles que, por uma vocação específica de consagração religiosa, são, também, no Brasil, um alto percentual dos agentes de pastoral.

Do teor de sua vida religiosa, pessoal e comunitária, como fidelidade a uma vocação específica, depende muito a qualidade de sua expressão ativa no serviço pastoral ao povo de Deus.

4. Foi neste espírito que a Assembleia Geral da CRB, reunida em julho de 74, solicitou por 282 contra 14, que a representação dos Religiosos sócios do IPREC se faça, em consonância com o art. 4 dos Estatutos do IPREC, não pela CRB, mas pelos Superiores Maiores que têm súditos inscritos no IPREC. Incentivando o crescimento e constante aprimoramento do IPREC, os Superiores Maiores desejam que eles mesmos possam diretamente participar deste desenvolvimento e não através da CRB. Isto implicará em modificações estatutárias, que poderão ser estudadas oportunamente, e que, basicamente, não implicam em alterações no funcionamento do IPREC senão para um aperfeiçoamento ainda maior.

5. Decidiu igualmente a Assembléia Geral da CRB que a quota de sustentação dos Religiosos para o Departamento de Estatística do CERIS seja paga diretamente pelos Religiosos através de sua Província e segundo um montante fixado pelo próprio CERIS e ajustado anualmente. Esta decisão confirma o apreço direto dos Superiores Maiores do Brasil por um órgão cujo trabalho reveste sem dúvida num grande serviço às mesmas Congregações, através dos dados estatísticos.
6. Decidiu finalmente a Assembléia Geral a participação da CRB no COMINA (Conselho Missionário Nacional), acedendo ao convite que por este organismo da CNBB lhe foi feito.
7. Com relação à situação econômica desejaria dizer:
 - 7.1. Após longos sacrifícios e sofrimentos, o problema está encaminhado e esperamos também que, em breve, solucionado.
 - 7.2. Esta dificuldade representou para nós uma dupla experiência:
 - a. A experiência espiritual de um grande despojamento, de uma pobreza real e consentida, que nos permitiu orientar-nos muito para as finalidades específicas da CRB, e que, certamente uniu muito os religiosos em torno da CRB, dando-lhe um apoio significativo e, não raro, com notável sacrifício.
 - b. A experiência do necessário rigor administrativo, jurídico, fiscal, contábil, financeiro e econômico, numa sociedade evoluída. Esta experiência é vivida hoje pela CRB através de um alto padrão administrativo, em dia com todas as exigências da sociedade civil na matéria.
8. Quero agradecer àqueles senhores Bispos que, antes e ainda durante esta Assembléia nos ajudaram com sua compreensão e colaboração. Agradecer a todos aqueles, que sem terem que perder nada conosco, durante estes quatro anos se fizeram presentes através de um apoio e estímulo pastoral e paterno. E a todos aqueles que neste tempo nos viram com desconfiança, desejo dizer-lhes que a CRB, na sua pobreza, os acolhe sempre sem qualquer mágoa.
9. A CRB agradece à Assembléia Geral da CNBB e à sua Presidência a oportunidade desta comunicação em Plenário e está certa de que não é indiferente ao Episcopado Nacional saber do trabalho da Conferência dos Religiosos do Brasil, a serviço de tantas Congregações que, nas respectivas Igrejas Particulares, estão servindo à Igreja e ao Povo de Deus, no Brasil.

LIVROS NOVOS

D I V E R S O S

NOSSA MISSÃO ESPECIFICA NA ESCOLA, documento de trabalho do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs (Lassalistas), elaborado pela Comissão da Escola do Conselho Superior do Instituto. Instituto Abel, Avenida Estácio de Sá, 29 24.000 Niterói, RJ. Ano 1974. Páginas 52. **LOUÇANIAS DE LINGUAGEM**, Pe. Artur Schawb, SVD. Esdeve Gráfica. Ano 1974. Página 128. Como subtítulo da obra: As mais belas locuções e construções da língua. **A MISSÃO**, no ano da imigração. Centro de Orientação Missionária (COM). Caxias do Sul, RS.

Ano 1974. Página 44. **PASTORAL FAMILIAR**, textos e documentos coligidos pelo Secretariado Regional Leste-1 da CNBB. Ano 1974. Páginas 44. **LÓGICA E JOGOS**, Primeiros Passos em Matemática. Volume N.º 1. Z. P. Dienes e E. W. Golding. Editora Pedagógica e Universitária. Ano 1974. Página 108. Dos mesmos autores e da mesma Editora: Volume N.º 2 **CONJUNTOS, NÚMEROS E POTÊNCIAS**. Páginas 144. Volume N.º 3: **EXPLORAÇÃO DO ESPAÇO**. Páginas 92.

EDIÇÕES PAULINAS

UM PROJETO DE VIDA, L. J. Girardi. Ano 1974. Páginas 92. Há muita gente pensando na juventude, escrevendo para a juventude, refletindo com a juventude. O jovem é vida e projeto de vida. É presente e é futuro. É hoje e é amanhã. É certeza e é esperança.

NÃO HÁ VAGA PARA UM OUTRO CRISTO, Pe. Hilário Cristofolini, IMC. Ano 1974. Páginas 128. **LECIONÁRIO**

SANTORAL, Ano 1974. Páginas 416. As Edições Paulinas já publicaram os Lecionários para os Domingos e Festas (anos A, B, C) e o Lecionário Ferial (anos I e II). Este Lecionário que apresentamos é o Lecionário para as missas dos Santos. Está dividido em duas partes: o comum e o próprio, segundo o Novo Calendário já em vigor no Brasil, desde a publicação do Novo Mis-

sal Romano. **O FUTURO NO PRESENTE DA IGREJA**, Jean Daniélou. Tradução do original francês **Pourquoi L'Église?** de F. S. Luza. Ano 1974. Páginas 192. Este é o vigéssimo volume da nova série Oração e Ação. **O PAPA E A CONTESTAÇÃO**, Paulo VI. Tradução do original francês **Face à la contestation**, de José Glicério Resende. Ano 1974. Páginas 400.

LIVRARIA SULINA

INTERCOMUNICAÇÃO OU SOLIDÃO? Ano 1974. Páginas 88. Obra do Movimento Por um Mundo Melhor. Traduzida do espanhol **Opción** por Rovílio Costa e Irineu Costella. **REALIZAÇÃO HUMANA VOCACIONAL E PROFISSIONAL**, Achylles Chiappin. Ano 1974. Páginas 120. **O PRIMADO DA PESSOA NA VIDA CRISTÃ**, Rovílio Costa. Ano 1974. Páginas 96. Uma tentativa de aprofundar o espírito religioso de nossa época.

EDITORA VOZES

MYSTERIUM SALUTIS, Volume III, Tomo 8. Ano 1974. Páginas 196. **Mysterium Salutis** é um compêndio de dogmática histórico-salvífica. Este tomo trata do Evento Cristo. **UM MUNDO SEM DOGMAS?**, Thomas Joseph Burke. Ano 1974. Páginas 80. É o volume IV da Coleção Cosmovisão-Vozes. O mundo não é nenhuma máquina de precisão, em que cada parte age no todo de maneira determinada, única, perpétua, imutável. A nova ciência exige uma nova cosmovisão, na qual cada fenômeno se estrutura num conjunto de relações onde tudo interage, tudo influ-

encia e sofre influência. Nada é estático nem constituído uma vez por todas. **TEU AMIGO ESTÁ DOENTE**, Almir Ribeiro Guimarães. Ano 1974. Páginas 48. Uma pastoral para os enfermos. **O TENENTISMO EM SERGIPE**, José Ibarê Costa Dantas. Ano 1974. Páginas 256. A presente obra versa episódios político-militares da História do Brasil, acontecidos em Sergipe. As idéias do historiador sobre a realidade sergipana e a conjuntura nacional estão presentes em cada passo. O tenentismo é analisado em suas implicações ideológicas e sociais e em suas raízes históricas. As revoltas de 1924 e 1926 aparecem como reflexos de um movimento bem maior e mostram a figura de um líder: o tenente Augusto Maynard Gomes. Vemos, aqui, como uma sociedade dominada pelos coronéis do interior mostrou-se incapaz de vencer os tenentes — que foram subjugados por força vindas de fora — e conseguiu envolvê-los em 1930, já fruto de um movimento de âmbito nacional. O caso sergipano merece ser estudado por si mesmo para posterior comparação com os demais.

HISTÓRIA DO MUNDO FEUDAL, Mário Cúrtis Giordani. Editora Vozes. Ano 1974. Páginas 696. Tentativa de síntese dos principais acontecimentos políticos que constituem a História da Europa entre a morte de Carlos Magno e o término da Guerra dos Cem Anos. O fenômeno político-social mais importante é o feudalismo. Daí o título escolhido para a presente obra de Mário Giordani como continuação da obra anterior: **História dos Reinos Bárbaros**. **CURSO DE CATEQUESE RENOVADA**, Frei Barnardo Cansi, OFMCap. Editora

Vozes. Ano 1974. Páginas 144. Toda catequese nasce de uma concepção do mundo, de Deus, do homem e da Igreja. De conformidade com o desenvolvimento destes assuntos, a catequese tinha de trocar também seu método, sua mensagem. O livro está dividido em quatro partes. A primeira é uma visão histórica da catequese tradicional. A segunda analisa o mundo novo em que vivemos a partir das revoluções que se processaram nos séculos XVIII e XIX, provocando profundas mudanças na realidade humana e social. A terceira e quarta partes falam exatamente das perspectivas de um nova catequese renovada, uma catequese antropocên-

trica, bíblica, salvífica. Onde nova pedagogia e novos métodos. **PEQUENA HISTÓRIA DA MÚSICA POPULAR**, da modinha à canção de protesto. José Ramos Tinhorão. Editora Vozes. Ano 1974. Páginas 240. Distinguindo, logo de início, o que vem a ser música folclórica e música popular, o autor passa a analisar os principais tipos conhecidos do musicológico popular brasileiro. Um capítulo especial estuda os gêneros rurais urbanizados. Suas pesquisas levam muitas vezes a posições originais em relação a teorias freqüentemente aceitas por mera rotina, até mesmo em ambientes altamente especializados.

EDIÇÕES LOYOLA

RELIGIOSAS DE HOJE E DE AMANHÃ, Jeanne Tiger. Edições Loyola. Ano 1974. Páginas 112. Tradução do original francês: **Religieuses Aujourd'hui, Demain**.

Perante as mutações sócio-culturais que afetam o mundo e face à explosão da Igreja, uma religiosa se interroga: Um gênero de vida tal qual existia 20 anos atrás tem sentido ainda hoje? Terá sentido amanhã? Uma mulher pode viver plenamente a sua vida de mulher, na situação de celibato consagrado? As situações de conflito em que submergem a Igreja e o mundo contemporâneo tem a sua equivalência na vida das religiosas? Deixam-se elas questionar pelos sinais dos tempos.

A estas questões capitais para a sobre-vivência religiosa feminina — elas interessam a um milhão de religiosas no mundo — a Irmã Jeanne responde à

luz do evangelho. Somente vivida no radicalismo do amor tem sentido uma vida que explicita, em nível de engajamento, a vida cristã inaugurada no batismo.

Os anos que se aproximam e as necessárias mudanças que deverão se efetivar para que este projeto de vida se divorcie do passado naquilo que é inútil e superado para viver o momento presente, serão difíceis para todos. É, pois, à coragem, à clarividência e ao discernimento espiritual que Jeanne Tiger convida suas irmãs e lhes diz: "Arraigada em meu ser de mulher, eu posso viver a situação religiosa do celibato em comunidade.

Crédito—

Aceites cambiais, empréstimos e financiamentos, refinanciamentos através do PIS, FINAME, FIPEME, FIMACO, empréstimo em moeda estrangeira, avais e garantias, leasing, crédito direto ao consumidor.

Distribuição e venda—

Letras de câmbio, certificado de depósito a prazo fixo, fundos de investimentos, ações e debêntures, incentivos fiscais, títulos governamentais.

Investimentos —

Emissão e registro de títulos, administração de valores, custódia de títulos, participação acionária, underwriting, administração de fundos de investimento, operações em bolsas de valores, certificado de depósito de valores mobiliários em garantia.

**O Denasa
presta todos
os serviços
de um banco de
investimento.
E está entre os
10 grandes.**

O Banco Denasa tem uma equipe de técnicos pronta para oferecer a você a melhor solução.

Especialistas no mercado de capitais, fazem um atendimento rápido e eficiente de todos os serviços de um banco de investimento.

Na hora de escolher, pense grande. Escolha um dos 10 maiores. O Denasa, por exemplo. O do atendimento especial:

Conselho de Administração

Presidente

Juscelino Kubitschek de Oliveira

Conselheiros

Lucas Lopes

Baldomero Barbará Filho

Louis Steurman

Luiz G. de Souza Lima

Victor Nunes Leal

Fernando Geraldo Simonsen

Mme. Lilliane V. Schneider

Diretoria Executiva

Presidente

Baldomero Barbará Neto

Vice-Presidentes

Rodrigo P. de Pádua Lopes

Rodolfo E. Antici

Carlos Alberto Mendes

Henrique Souza Lima

Diretores

Roberto Lima Neto

Lúcio Santos Pereira

Marcos Milliet

José Guilherme Padilha

Cel. Mucio Scorzelli

Diretoria Adjunta

Carlos Murilo F. dos Santos

Wladimir Rioli

Júlio Rego

Evandro F. Paiva

Banco **Denasa** de Investimento S.A.



Denasa — Desenvolvimento Nacional S. A.

Crédito, Financiamento e Investimentos

Denasa S. A. — Corretora de Títulos e Valores Mobiliários

Denasa Distribuidora de Títulos e Valores Mobiliários S. A.

Denasa Leasing S. A.

Denasa Marketing e Comunicação Ltda.

Denasa Sistemas e Métodos S. A.

Denasa Imobiliária S. A.

Denasa São Paulo Corretora de Valores Mobiliários e Câmbio Ltda.

Denasa Corretora de Seguros Ltda.

Rio de Janeiro — Rua da Alfândega, 28 — Tel.: 244-5022

São Paulo — Rua da Consolação, 368 — Tels.: 256-8696 - 256-7880

Belo Horizonte — Av. Augusto de Lima, 150 — Tel.: 26-9751 e

Av. Amazonas, 311 — 7º andar — Tel.: 22-1577

Brasília — Edifício Gilberto Salomão — Setor Comercial Sul — Bloco M

Lojas 3 e 6 — Tels.: 24-8609 - 24-9609

Porto Alegre — Rua dos Andradas, 1332 — 2º andar — Tel.: 24-1140